

PREÂMBULO

VITIMISMO

“É irresponsabilidade esperarmos que alguém faça as coisas por nós” (John Lennon – The Beatles)

O vitimismo é algo enraizado em nossa cultura, onde é mais fácil atuar através de “jeitinhos”, “tirar vantagens”, fazer-se de “coitadinho”, ainda que através de expedientes sorrateiros e malandros e não pelo mérito pelo caráter. Os adeptos do vitimismo saem-se geralmente vitoriosos, exibindo-se como injustiçados, incompreendidos, rejeitados. Mera estratégia e oportunismo de quem, na prática, é expoente de carência afetiva, de problemas de estabilidade emocional, de esperteza pessoal.

O vitimismo é a arma mais eficaz utilizada por manipuladores, que se utilizam de táticas enganosas, deturpadas sempre em benefício próprio, mudando arditamente o comportamento e a percepção de terceiros. A pessoa se faz de frágil, perseguida, desvalorizada, criando uma carapaça falaciosa ao seu redor, de forma a evitar uma autocrítica. Aquele que mais sofreu, na verdade, nunca se vitimiza. O vitimista geralmente reproduz circunstâncias de sua infância ou vida pessoal, carecendo de maturidade, até mesmo de estabilidade psíquica. Quadros, quando agravados, podem se tornar uma neurastenia.

O vitimista não percebe ou não tem coragem de ver que a vida é resultado de seus próprios atos e não dos outros, aos quais ele atribui caráter de perseguição, humilhação, empecilho. Alguém para culpar, usando o vitimismo para manipular, dominar. Quer aliados, mediante chantagem emocional, usando-os não por amizade, mas unicamente para atingir seus propósitos, por vezes espúrios. Monta – e bem – uma peça de teatro, não havendo limites para seus objetivos, geralmente personalistas, egoísticos.

Não consegue o vitimista manter harmonia e estabilidade onde atua, envolvendo-se em fuxicos, intrigas, queixumes. Torce e escamoteia a verdade, de forma a dominar os outros, para fins de benefício próprio. Dono de um grande ego, sempre leu o livro mencionado em uma roda, sempre esteve ou visitou a cidade citada por alguém, invoca condições de letrado e vaidoso ator dos acontecimentos e valores sociais. Ele se fortalece, enfraquecendo a autoestima dos outros. Mina e solapa a liderança ou autoridade, por mais idônea, no meio onde trabalha ou age, aniquilado pela aridez de seus conceitos a toxidez de seus propósitos utilitaristas e egocêntricos.

Faltam-lhe empatia, humildade (jamais pedem desculpas, não aceitando contratempos ou contraposição ao seu comportamento ou atitudes), sempre queixosos, dramatizando seus pretensos sofrimentos, não assumindo ou encarando realmente a vida. Dissimulados, abusam da vontade e comisseração de outrem. Não buscam ajuda clínica, optando por utilizar-se dos sentimentos alheios.

Patrício Lopes

No Século XIX, um são-tiaguense possuiu, sozinho, mais de 500 mil hectares de terras no extremo Noroeste de São Paulo e ao sul do Mato Grosso. O império, porém, acabou ruindo em meio a traças. Nesta edição, (re)contamos a história de Patrício Lopes de Souza – o Patrício Colodino –, desbravador que deixou São Tiago ainda na adolescência, se tornou bandeirante paulista, fez História... e teve memória polêmica apagada.

Pág. 4

Anjo da Guarda

“Os Anjos chegaram a São Tiago algumas semanas após o início do ano letivo no Grupo Escolar Afonso Pena Jr. Alguns vieram voando escondidos pela luz do sol e outros apenas apareceram. Invisíveis, suas formas e movimentos não eram para o olhar ou percepção dos seres humanos. Qualquer correlação com os estereótipos e a iconografia das referências tradicionalistas era imediatamente desmentida. Não possuíam ou não demonstravam ter asas”.

Pág. 8

A emancipação de São Tiago

Há 75 anos, no romper do ano, São Tiago se tornou oficialmente um município - até então, a comunidade era distrito atrelado a Bom Sucesso. Num artigo colaborativo, Marcus Santiago descreve como ocorreu todo o processo e de que forma a emancipação mudou os rumos da hoje Terra do Café com Biscoito.

Pág. 12



Lá na Capital...

“Um dos mistérios mais famosos de Belo Horizonte fica localizado no Bairro Mangabeiras, na Região Centro-Sul da capital. Na Rua Professor Otávio Coelho Magalhães, mais conhecida como Rua do Amendoim, próxima a Praça do Papa, a gravidade é desafiada. Os carros sobem sozinhos e até a água escorre para cima. Apesar de desvendado há muitos anos, o segredo da via até hoje atrai belo-horizontinos e turistas que vão até o local ver o fenômeno com os próprios olhos. Apesar de não possuir registros”.

Pág. 13

ADIVINHAS

- 1- O que é, o que é? Perde a cabeça de manhã, mas de noite recupera.
- 2- O que é, o que é? Vai até a porta da sua casa, mas não entra.
- 3- O que é, o que é? Tem luz, mas vive no escuro.
- 4- O que é, o que é? Tem um dente e chama por toda a gente.

Respostas: 1. O sino 2. A calçada, 3. O vagalume, 4. O sino

Provérbios e Adágios

- Quem apura seus bens no cobre, fica pobre
- Mais tem Deus a dar do que o diabo a tirar.
- Ditado: O que não parece com o dono é furtado

Para refletir

“Quero apenas ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual regato que não seca”

(Amós 5,24)

“Todo homem é o arquiteto de si mesmo”

(Salústio)

“Truques e traições são práticas de tolos que não tem raciocínio suficiente para ser honestos”

(Benjamim Franklin)

“Se as pessoas soubessem como são feitas as salsichas e as leis, não comeriam as primeiras e não obedeceriam as segundas”

(Winston Churchill)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula

Revisão: Fábio Antonio Caputo e

Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável:

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

Realização:



PROGRAMA BOLSA SOCIAL TEVE INÍCIO EM SÃO TIAGO

Marcus Santiago
Membro do IHGST

No dia 16 de novembro, o Salão da APAE foi palco de um evento significativo que marcou o acolhimento e a recepção calorosa aos alunos dos cursos de graduação a distância em Administração e Pedagogia, participantes do Programa Social: Bolsa Aprendizagem Profissional. Essa iniciativa é resultado da parceria entre a Prefeitura Municipal de São Tiago e a Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), por meio do polo local.

O evento contou com a ilustre presença do prefeito, do presidente da Câmara de Vereadores, dos secretários de Educação e Assistência Social, além das diretoras das escolas estaduais e municipais da cidade, diretoria da APAE e do Polo de São Tiago.

A solenidade de boas-vindas e acolhimento aos alunos foi marcada por discursos, incluindo o lançamento oficial do Programa Social em São Tiago. Após os pronunciamentos das autoridades locais, os alunos tiveram a oportunidade de expressar suas homenagens e agradecimentos. Houve a envolvente contação de histórias conduzida pela professora Eliza Cristina.

Ao final, os participantes desfrutaram de um agradável momento de confraternização, compartilhando a companhia uns dos outros e saboreando um delicioso café com biscoitos.

A iniciativa não apenas celebrou o início dessa jornada acadêmica, mas também fortaleceu os laços entre os alunos, as instituições e a comunidade, consolidando a importância do Programa Social Bolsa Aprendizagem Profissional em São Tiago.



Apoio:



AO PÉ DA FOGUEIRA

O SURREAL MUNDO DOS NEGÓCIOS O INDUSTRIAL COMPRADOR DE MADEIRA

A súbita, enfurecida ventania derrubara inúmeras árvores, justamente na trilha de acesso ao bebedouro do pasto. Árvores nativas de considerável porte, além de outras de eucalipto. O proprietário, ante o inopinado fato, não teve outra opção senão contratar emergencialmente trabalhadores para a limpeza, desobstrução e reabertura do caminho, deixando as peças de madeira aparelhadas em condições de reaproveitamento e ainda de locomoção.

O que fazer com aquele enorme volume e quantidade de troncos?

Entra em contacto com empresário da cidade próxima, que utilizava lenha – e muita! – em suas caldeiras, oferecendo-lhe a madeira. Combinam preço por árvore, cerca de R\$ 130,00 por unidade. O industrial se propõe, inclusive, a transportar as toras nos veículos próprios da empresa, camuflando a madeira nativa sob a carga e gradame de eucalipto. Uma forma de escamotear uma eventual ação fiscalizadora. Que ele o industrial cobraria por fora o valor do transporte e dessa forma ajustada a transação.

Carreadas as peças, em torno de 35 troncos, passados alguns dias, uma quinzena ao certo, o fazendeiro recebe a visita do industrial. Tinha o visitante, segundo suas próprias palavras, notícias nada agradáveis. Tivera ele que contratar um serrador na cidade para ordenar, abrir os troncos, já que eles, grossos e irregulares, não se ajustavam ao diâmetro (entrada) das caldeiras, isso é, dos poucos troncos que puderam ser aproveitados, muitos deles já carcomidos, putrefatos e imprestáveis para queima em forno. Informações estas do empresário, que, abatidos os valores do transporte, os custos do serrador da cidade, excluídas as peças imprestáveis e por isso descartadas (dezenas, segundo o industrial), o fazendeiro proprietário da madeira ficara lhe devendo ainda cerca de trezentos reais...



ABATE DE ÁRVORES NO PERÍMETRO URBANO

A população perplexa, chocada, assistiu recentemente ao abate de árvores, algumas de considerável porte, pela cidade. Ruas despidas, desalojadas de qualquer cobertura vegetal. As autoridades que o validaram terão lá suas justificativas. Algum morador insatisfeito com as árvores, algum risco material (queda de galhos, danos a rede elétrica).

Fica-se a pensar. Fala-se tanto em preservação ambiental. O poder da caneta. Árvores ali há praticamente meio século postas abaixo, em questão de minutos. Sem preparação da comunidade ou monitoramento de órgãos representativos, coletivos, Câmara Municipal ou do Ministério Público.

Uma amarga constatação. Nossas caras expostas a todo instante a surpresas, a espantos. Cara de tacho, não?

Ensina-se às crianças, a importância da natureza e-las assistindo, a caminho da escola, o espetáculo deprimente de árvores derrubadas, à luz do dia, em plena praça. E aquele cidadão que cuidou, anos a fio, da árvore a frente de sua moradia para vê-la ao chão ao som estridente escarecedor, de motosserras.

Meios de comunicação autoridades, cientistas a todo momento alertando sobre a preservação ambiental e somos contemplados



Árvores derrubadas em São Tiago

com espetáculos depressores como este.

Tentativas de rearborização levada a efeito pelas autoridades são ineficientes, pois muitos moradores não colaboram com o projeto, não assimilaram ainda a crucial importância do florestamento urbano.

Como explicar? Como entender?

NOTA:

Recebemos / agradecemos gentil mensagem de nosso ilustre conterrâneo Dr. Edmar Mata advogado e conceituado servidor público federal em Macapá, Estado do Amapá.

Honrados com seus elogios à nossos boletins e sua sempre nobre distinção para com toda a comunidade são-tiaguense. Gratos. Votos igualmente de prospero 2024 extensivos aos familiares.

PATRÍCIO LOPES DE SOUZA DESCONHECIDO E DESCONSIDERADO ENTRE NÓS - RECONHECIDO EM OUTRAS TERRAS

Patrício Lopes de Souza, falecido em 1885, são-tiaguense que desbravou terras do Noroeste paulista e sul do Mato Grosso⁽¹⁾ é uma personalidade praticamente desconhecida entre nós, quando muito uma lenda e assim mencionado pela oralidade. Sequer uma rua em seu nome, um busto! Numa cidade onde são os loteadores e donos de terrenos quem “batizam” os logradouros públicos (denominação de ruas/praças) abdicando os vereadores dessa nobilitante função, não se sobrando espaço para homenagens a outros vultos históricos locais, o que se pode esperar? Onde os recursos públicos, aos montes e aos milhões, são carreados, muitas vezes, para festas e pândegas, o que dizer?!

As imensas terras, outrora pertencentes a Patricio Lopes de Souza – entre os rios Paranaíba, Paraná e Grande – cerca de 510.000 hectares, por ele apossadas em inícios do século XIX, acham-se hoje ocupadas por dezenas de prósperas cidades como Santa Fé do Sul, Santa Clara d’Oeste, Santa Albertina, Jales, Três Fronteiras, Rubinéia, Populina, Pereira Barreto, Estrela d’Oeste, Santana da Ponte Pensa, Vitória Brasil, Nova Canaã Paulista, Aspásia, Santa Salete, Palmeira d’Oeste, Santa Rita d’Oeste, Aparecida d’Oeste, São Francisco, Marinópolis, Dirce Reis, Urânia etc. Segundo o geógrafo francês Pierre Mombeig, as terras pertencentes a Patricio Lopes estendiam-se até a atual Votuporanga (obra “Fazendeiros e Pioneiros de São Paulo”).

Nessas terras, hoje influentes e progressistas municípios, a memória de Patricio Lopes continua, contudo, viva, historicamente reconhecida e referenciada, constando dos livros didáticos, monografias, livros de história, pesquisas acadêmicas. Inúmeros sites de prefeituras e câmaras municipais, oriundos de terras inóspitas, outrora, povoadas por índios caiapós e caingangues até inícios do século XIX, desbravadas por Patricio Lopes, fazem-lhe referência e a devida reverência histórica, na sua condição de pioneiro e paladino do povoamento regional. Segundo o prof. Dr. Sedeval Nardoque (Universidade de Dourados/MS) “a ocupação do oeste paulista por não índios somente aconteceu com os precursores ou a frente de expansão no decorrer do século XIX pelo deslocamento de mineiros, provenientes das áreas decadentes da mineração à procura por terras mais férteis para a prática da agricultura bem como para a expansão das atividades de criação de gado (...) Mineiros penetraram pelos planaltos ocidentais paulistas até o extremo noroeste paulista onde está localizado atualmente o município de Jales” “Na fazenda Ponte Pensa, a ocupação da frente de expansão foi efetuada nas primeiras décadas do século XIX pelo mineiro Patricio Lopes de Souza, oriundo da vila de São Tiago, na comarca de Bom Sucesso⁽²⁾. “Entre 1830 e 1840, a expedição de Patricio Lopes de Souza tomou para si uma grande parte de terras que abrangia o território dos atuais municípios de Santa Fé do Sul, Jales e parte de Palmeiras d’Oeste; nessas terras, onde havia meeiros de Patricio Lopes de Souza, iniciou-se a criação de gado e agricultura exclusivamente de subsistência” (Site – município de Santa Salete/SP).

No livro “Santa Fé do Sul – 60 anos de história”, coautoria de Eduardo Alves de Lima e Isaias Basso (Ed. THS Arantes, 2008, pp. 17/18) encontramos no capítulo II, títu-



lo “Formação do patrimônio de Santa Fé do Sul, a origem do latifúndio e a grilagem de terras”: Segundo Luiz Noboro Moramatsy, a penetração dos mineiros na Alta Araraquarense se deu a partir de vários pontos, passando por Rio Preto (todas fundadas por mineiros), quer atravessando os rios Paraná e Grande, partindo do Estado do Mato Grosso, oriundos de Santana do Paranaíba e passando por Porto Taboado no Estado de São Paulo, hoje Rubinéia. Um desses mineiros que se infiltrou no oeste paulista a partir da segunda metade do século 19, foi Patricio Lopes de Souza. Segundo consta, Patricio era de um povoado mineiro chamado vila de São Tiago e se fixou na região de Santana do Paranaíba, onde adquiriu quatro fazendas, sendo três – Sobradinho, Sucuriú e Correntes no Mato Grosso – e outra, São José da Ponte Pensa em São Paulo”.

“A tomada de terras do outrora “Sertão do Rio Preto” pelo homem branco é datada do início do século XIX, quando os aldeamentos caingangues foram tomados pelas expedições colonizadoras que o governo imperial incentivava. Uma delas, a de Patricio Lopes de Souza, um fazendeiro mineiro oriundo da vila de São Tiago, comarca de Bom Sucesso, na região de São João Del-Rei, juntamente com seu escravo Jeremias, que entre 1830 e 1840, tomou para si posse de quatro grandes áreas, três em Mato Grosso, às quais deu os nomes de Sobradinho, Sucuri e Correntes e uma outra denominada São José da Ponte Pensa com 208 mil alqueires no noroeste paulista, onde fez plantações de fumo e roça...” (PL n. 842 de 01-09-2011 que transforma o município de Rubinéia em estância turística”).

“Em 1830, Patricio Lopes de Souza fixou residência em Paranaíba e abriu posses constituindo quatro fazendas. Do lado do Mato Grosso do Sul (anteriormente Provincia do Mato Grosso): Sobradinho, Sucuriú e Correntes e do lado paulista a Fazenda São José da Ponte Pensa” (Nardoque – “Apropriação capitalista da terra e a formação da pequena propriedade em Jales” UNESP/SP, 2002) Para viabilizar a ocupação e produção de seu latifúndio, Patricio Lopes firmou contratos de parceria (meação) com Joaquim Anastácio de Souza (1864) e com os irmãos Francisco Ribeiro

da Silva e João Ribeiro da Silva (1876), que se limitaram, todavia, a meras atividades de sobrevivência.

Por não ter noção jurídica da propriedade da terra, viabilizada pela Lei Imperial de Terras de 1850⁽³⁾, Patricio Lopes e tantos outros precursores foram vítimas de quadrilhas de grileiros e especuladores fundiários, que, sob a máscara de “homens de negócios” falsificaram e forjaram documentos, cooptaram autoridades, burlaram cartórios, apossando-se fraudulentamente das propriedades. Assim figuras pérfidas como João Odorico da Cunha Glória, Mário Furquim, instituidores da firma embusteira “Glória & Furquim” com o apoio de políticos e advogados de prestígio como Julio Prestes e Olímpio Pimentel que viriam a se apropriar ardilosamente do vasto patrimônio de Patricio Lopes. Uma trama criminosa, de colossais proporções, envolvendo, ademais, a justiça paulista, que contrariando todas as ponderações da Fazenda do Estado de São Paulo, convalidou a posse da propriedade em favor dos grileiros e trapaceiros (segundo o procurador da Secretaria da Fazenda uma “posse criminosa” e “ocupantes com títulos de domínios nulos”. Mas em vão...)⁽⁴⁾.

Há que se esclarecer que os grileiros não só colocaram abaixo as benfeitorias existentes na propriedade, expulsaram ou mataram os colonos e seus familiares, mas igualmente destruíram toda a documentação pessoal-patrimonial relativa a Patricio Lopes. Uma inominável e ignóbil injustiça, que perdura até os dias atuais, tendo ele a memória destruída, aviltada, quase que totalmente, pelos grileiros.

A dissolução (divisão) final da Fazenda Ponte Pensa se daria no dia 20-02-1915, cabendo a João Odorico da Cunha Glória 66.000 alqueires; Mário Furquim – 88.500 alqueires; Bernardino de Almeida – 22.500 alqueires; Julio Prestes (1882-1946) e Olímpio Pimentel – 21.000 alqueires (e ainda mais 9.000 alqueires exclusivos para Julio Prestes). Rapidamente, os grileiros e seus advogados retalharam o domínio de toda a imensa propriedade, desmembrando-a em quinhões de milhares de alqueires cada, como vimos retro, tudo em benefício próprio e acordado através de es-

crituras lavradas em São Paulo (capital) e registros no cartório de imóveis de São José do Rio Preto (Alqueire paulista – 24.200m² ou 2,42 ha).

Em 1943, herdeiros de Patricio Lopes, dentre eles José Cândido da Silva, Juca Barcelos, João Nicolau de Resende e outros impetraram ação de reivindicação do imóvel, na comarca de Votuporanga (SP) contra os grileiros, ob-



viamente sem resultados. Rumoroso processo à época, constando de 11 volumes.

O jornal “Estado de Minas” edição de 08-06-2008 publicou extensa matéria, em primeira página e interiores, autoria do jornalista Gustavo Werneck intitulada “A conquista do oeste” sobre Patricio Lopes e sua saga desbravadora do noroeste paulista.

NOTAS

(1) Patricio Lopes de Souza, que saíra jovem de São Tiago por volta de 1822, assim reza a oralidade, centralizaria suas atividades em Porto Taboado (hoje Rubinéia), ocuparia ele três grandes glebas de terras no Mato Grosso – as fazendas Sobradinho, Sucuriu e Correntes – e outra ainda maior no noroeste paulista (extensão da “ponta do nariz” entre Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul) a célebre fazenda São José da Ponte Pensa, que viriam a ser griladas por poderosos empresários (quadrilheiros paulistas e cariocas) com o beneplácito de grandes advogados paulistas como Julio Prestes e Olímpio Rodrigues Pimentel que dominavam o judiciário paulista à época (assunto largamente tratado por historiadores e estudiosos).

À mesma época de Patricio Lopes, outros sertanistas foram contratados para a abertura de picadas no Mato Grosso do Sul. Um deles, Joaquim Francisco Lopes, na década de 1840, procedeu a abertura da picada, desde o Mato Grosso até a atual cidade de Piracicaba. Em seu “Diário” Joaquim afirma ter se hospedado na casa de um cunhado, que trabalhava “na fazenda do senhor Patricio” próxima ao Rio Correntes. No livro épico “A Retirada da Laguna” de Visconde de Taunay, há um personagem, João Francisco Lopes, irmão de Joaquim Francisco Lopes, contemporâneos ambos de Patricio Lopes de Souza (informações que nos foram repassadas em e-mail pelo pesquisador Prof. André Luiz da Silva – Votuporanga/SP).

(2) “A Fazenda Ponte Pensa foi uma grande propriedade rural localizada no noroeste do Estado de São Paulo. Situava-se nos espigões de terra das atuais comarcas de Santa Fé do Sul, Jales e Pontalina, Ilha Solteira e Vitória Brasil a Populina. Com o intuito de formar posse para criar gado, Patricio Lopes de Souza, oriundo da vila de São Tiago, comarca de Bom Sucesso, na região de São João Del-Rei (MG) tomou para si a posse de quatro grandes áreas, três em Mato Grosso às quais deu os nomes de Sobradinho, Sucuriu e Correntes e outra no noroeste paulista chamada São José da Ponte Pensa. Viveu mais de meio século em Porto Taboado, atual Rubineia, retornando à sua cidade natal já com idade avançada. Em testamento, deixou as terras das Fazendas Sobradinho e Ponte Pensa para os filhos de sua irmã Maria Teresa de Souza e as fazendas Sucuriu e Correntes para seus sobrinhos/filhos de Joaquim Gaudêncio de Souza. Faleceu solteiro em 1885. Assim, com o passar do tempo, as terras ficaram abandonadas.

A Fazenda Ponte Pensa possuía uma gleba de 207.000 alqueires (500.940 hectares). Em 1912, teve início o processo de grilagem dessa terra (...) Fundou-se então a firma Glória & Furquim, a fim de unir os grupos interessados na posse, conforme combinado entre si para não levantar suspeita sobre a veracidade de tal contestação. Com títulos de terras falsificados, contrataram os melhores advogados à época para defender em esfera federal, nomes tais como Olímpio Rodrigues Pimentel e Julio Prestes, a autenticidade de tais títulos” (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fazenda_Ponte_Pensa acesso aos 10-04-1012).

(3) A Resolução da Coroa de 17-07-1822 pôs fim ao regime de sesmarias no Brasil. No período entre 1822 a 1850 o acesso à terra deu-se pela comprovação de posse junto aos registros paroquiais.

(4) Há uma vasta e florescente bibliografia pertinente aos conflitos fundiários no Estado de São Paulo, merecendo menção, dentre tantos pesquisadores:

- Vera Lúcia Michalany Chaia – “Os conflitos de arrendatários em Santa Fé do Sul-SP” 1980, FFLCH/USP
- Luis N. Muramatsy – “As revoltas do capim – movimentos socioagrários no oeste paulista” 1984, FFLCH/USP

- Nazareth Reis – “Tensões sociais no campo – Rubinéia e Santa Clara d’Oeste” 1980, PUC/SP
- Natal Biscard Neto – “Memória e Cultura na história da frente pioneira – extremo noroeste paulista” 1993, PUC/SP
- Paulo R. T. Godoy – “A expansão da fronteira na Alta-Araraquarense: o caso do município de Santa Fé do Sul” 1995, UNESP/Rio Claro
- Pierre Mombeig – “Fazendeiros e pioneiros de São Paulo” 1984, São Paulo, Ed. Hucitec
- Leo Huber – “Jales, 70 anos – memórias e histórias” 2013

O QUE SE SABE (ORALIDADE/HISTÓRIA) SOBRE PATRICIO LOPES DE SOUZA

• Natural de São Tiago, nascido em inícios do século XIX (não se localizou, até o momento, seu registro de batismo) filho de José de Souza Oliveira e Joaquina Maria do Espírito Santo. Teria saído de São Tiago por volta de 1821/1822, aos 17/18 anos, “em direção ao sertão”, acompanhado de escravos e ainda de um familiar, José Barcelos (este teria sido assassinado em confronto com bandeiros ou índios caiapós/caingangues. É o que reza a oralidade).

São imprecisas as razões de deslocamento de Patricio Lopes:

I. Espírito aventureiro, pois segundo a tradição familiar era/foi, desde jovem, de temperamento destemido, arrojado, incisivo em suas atitudes e atividades.

Teria, segundo a tradição familiar, se engajado/se incorporado em expedições promovidas pelo governo paulista para abrir picadas e/ou, segundo outras fontes, combater índios (“limpeza de terreno”) melhor pesquisado e que vem sendo abordado pelo boletim. Época igualmente de várias “frentes de expansão” (frente demográfica) por parte de grupos de mineiros rumo ao então chamado “Sertão do Rio Preto” (São Paulo)

Várias razões, segundo especialistas, conduziram a essa “migração mineira”: 1. A exaustão das minas de ouro com o empobrecimento de grande número de famílias mineiras; 2. O ciclo de expansão do abastecimento interno, mormente após a chegada da família real (1808), levando muitas famílias a buscar terras nas regiões do Triângulo Mineiro e dali atravessando os rios Grande e Paraná à procura de mais – e novas – terras; 3. O circuito mercantil de gado, então em franca expansão, envolvendo os estados de Minas Gerais, Goiás, São Paulo e Mato Grosso.

Registre-se que, entre o final do século XVIII e inícios do século XIX, dezenas de famílias de nosso meio migraram para as regiões do Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e Goiás, a exemplo dos Mendes Valle, Faria, Alvares Correia etc. assunto a ser melhor pesquisado.

II. Visão empresarial – tinha objetivos de criar gado e ainda o plantio de lavouras em áreas mais extensas. Para tal, teve o apoio familiar. Tinha um excepcional tino comercial, estrategista e inteligente, segundo afirmações do sr. Mário Luiz Ribeiro, seu parente distante, 90 anos.

III. Segundo o Censo (1831) da aplicação de São Tiago, José de Sousa (Oliveira), 56 anos, era chefe do fogo 14, quarteirão 5, vivendo em companhia da esposa Joaquina Maria, 58 anos e os filhos José de Souza, 30 anos; Joaquim Gaudêncio, solteiro, negociante, 22 anos; Maria, 18 anos, solteira, fiandeira e ainda 3 escravos.

Irmãos de Patricio Lopes: Joaquim Gaudêncio de Souza com 17 anos (1831); Maria Tereza de Souza; José de Souza Oliveira; Ana (mencionada no testamento de D. Floriana Eufrásia da Silva).

Joaquim Gaudêncio de Souza, 30 anos, casou-se aos 24-01-1838 na capela de São Tiago com Barbara Cândida do Amor Divino, filha do Ten. Hipólito José de Faria e Maria Cândida de Santana, sendo testemunhas o Cap. Flávio José da Silva e Cap. Antonio Ribeiro de Carvalho (Projeto Compartilhar – João Gonçalves de Mello). Ver ainda na pag. 18 neste boletim.

IV. Durante o tempo em que esteve inicialmente “no sertão” ou “sumido”, décadas de 1820/1840, diziam uns que ele teria morrido; outros afirmavam viver ele no Mato Grosso “em companhia de índios” (sabe-se que viveu, por algum tempo, em Paranaíba, no atual Mato Grosso do Sul. Registros comprovam sua presença em São Tiago (1859) – padrinho de batismo de José, filho de Domingos Ribeiro da Silva e Maria Delfina de Souza, aos 24-08-1859 na capela de São Tiago (Projeto Compartilhar – Domingos Ribeiro da Silva).

Faleceu aos 25-09-1885 “Patricio – a 25 de setembro de 1885 faleceu e foi sepultado a 26 Patricio Lopes de Sousa e para constar faça este assento. Vig.º Ferreira” (Livro de sepultamentos n.4, p. 48 – Paróquia de São Tiago).

DÚVIDAS A SEREM DIRIMIDAS POR FUTUROS PESQUISADORES:

- Com que idade Patricio viajou a primeira vez para “o sertão”? Em companhia de quem?
- Ele já conhecia alguém que já morava ou tinha negócios lá?
- O que ele foi realmente fazer?
- Com quantos anos ele morreu?
- Por que alguns o chamavam de “Colodino”?
- Quanto tempo ele ficou “sumido”, desde que saíra de São Tiago pela 1ª vez?
- Como explicar/justificar a fúria com que os grileiros buscaram destruir a memória de Patricio Lopes?

Lançamento do livro “Vida que segue” Dr. Décio Leone de Paula

Agradecemos o honroso convite e cumprimentamos o distinto amigo e eminente causídico Dr. Décio Leone de Paula, pelo lançamento dia 17-11 último do livro “Vida que segue”, de cunho autobiográfico e memorialístico.

Histórias, fatos, crônicas que transcendem o cunho afetivo - pessoal, trazendo à luz, memórias, saberes, experiências da região por onde o autor pervagou em sua jornada de vida.

Obra que enaltece sem dúvida a literatura regional.



O SESMEIRO VERISSIMO GONÇALVES RIBEIRO SÉCULO XVIII

Verissimo Gonçalves Ribeiro foi um dos aquinhoados pela Coroa Portuguesa com a concessão de sesmaria em nossa região nos primórdios da abertura da Picada de Goiás – carta de sesmaria outorgada em 11-04-1752⁽¹⁾. Era ele português, natural de São Miguel de Roriz, vila de Prados, arcebispado de Braga, filho de Luiz Martins e Maria Gonçalves, onde nasceu por volta de 1714, tendo migrado para o Brasil ainda jovem, fixando-se inicialmente, segundo consta, em Vila Rica⁽²⁾ e se estabelecendo posteriormente na região de São Gonçalo do Brumado (Caburu) e Conceição da Barra.

Casou aos 21-09-1744 com Izabel Paes de Figueiredo, filha única do casal Antonio de Figueiredo Cabral⁽³⁾ e Izabel Paes de Lira⁽⁴⁾, moradores igualmente de São Gonçalo do Brumado, onde tinham propriedades rurais, ai falecidos e inventariados.

Verissimo Gonçalves Ribeiro já era falecido em 1769, como se deduz de um despacho da Mesa da Inquisição de Lisboa (ver nota 2 infra).

Filhos do casal Izabel Paes de Figueiredo e Verissimo Gonçalves Ribeiro:

I – Maria Rosa, batizada na capela de São Gonçalo do Brumado aos 03-01-1746; solteira em 1760 (quando foi madrinha de Ana, filha de Paulo de Araújo e Joana Batista no altar portátil no Campo Belo, freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Carrancas, batizado realizado aos 15-04-1760)

II – Joaquim, batizado na capela de São Gonçalo do Brumado aos 11-06-1750

III – Antonio, batizado na capela de São Gonçalo do Brumado aos 10-08-1751

IV – Verissimo Gonçalves de Figueiredo batizado no Oratório de Campo Belo, filial de Carrancas aos 04-11-1755. Casou aos 03-10-1791 com Ana Izabel de Araújo e Silva, filha do Capitão Vicente Ferreira da Silva e Ana Maria de Araujo (Projeto Compartilhar – Izabel Paes / Projeto Compartilhar – Vicente Ferreira da Silva e Ana Maria de Araújo)

O casal Ana Izabel de Araújo e Silva e Verissimo Gonçalves de Figueiredo teve os filhos:

I – Zacarias, batizado aos 18-12-1796 na capela de Nossa Senhora de Madre de Deus

II – Verissimo, batizado aos 09-03-1800 na capela de Nossa Senhora de Madre de Deus

(Fonte – Projeto Compartilhar – Vicente Ferreira da Silva e Ana Maria de Araújo)

No inventário de Francisco Ribeiro (+ 12-03-1763), proprietário do Sítio Caxambu, “junto à capela de São Gonçalo”, freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Rio das Mortes, constam divisas “em parte de uma banda com terras de Verissimo Gonçalves e de outra com Francisco Martins Guimarães, de outra com terras de José Dias Manoel Rosa e de outra com o Alferes Manoel Pinto de Magalhães” (Projeto Compartilhar - Francisco Ribeiro - 1763 –MRSJDR). Verissimo Gonçalves teria ainda propriedade no lugar “Campo Formoso” (provavelmente o mesmo “Campo Belo”, onde fora instalado um oratório portátil com a realização de batizados e outros eventos religiosos) freguesia da matriz de Nossa Senhora da Conceição de Carrancas⁽⁵⁾.

• Antonio Gonçalves Ribeiro – sesmeiro – tinha propriedade na região da Borda do Campo, em confrontações com Manoel Ferreira Armond e outros (APM Seccção Colonial-SC, imagens 25869 a 25871-25873 – <http://www.siapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos.colecoes.brt.acervo.php?cid.31>).

NOTAS

(1) Carta de sesmaria de 11-04-1752, Revista do Arquivo Público Mineiro vol. 19, 1921. Há ainda os seguintes requerimentos registrados em nome de Verissimo Gonçalves Ribeiro, datas de 12-04-1747 e 03-06-1747 – Revista do Arquivo Público Mineiro vol. 14, 1909.

(2) Verissimo Gonçalves Ribeiro foi rejeitado como colaborador do Santo Ofício por incapacidade intelectual e moral em 1739. Vejamos o seguinte relato extraído da obra “Indignos de Servir: os candidatos rejeitados pelo Santo Ofício Português – 1680-1780” UFOP, 2018, pp. 502/503, autoria de Luiz Fernando Rodrigues Lopes:

“Verissimo Gonçalves Ribeiro, jovem de 25 anos, residente em Vila Rica, em 1739, teve o pedido de familiarização embargado em 1740 depois que as testemunhas das investigações em Minas – inclusive familiares do Santo Ofício – relataram ao comissário que o habilitando era “...menos bem procedido e incapaz de ser encarregado de negócios de tanta importância e segredo como os do Santo Ofício, por ser moço de pouco assento, estourado e não se trata limpamente nem com tanta gente de estimação, além de não ter ofício nem benefício nem outra incumbência mais do que umas cobranças da herança de um seu tio” (ANTT TSO CG Habilitações Incompletas doc. 5384).

“Em 1769, a Mesa da Inquisição de Lisboa o reavaliou e emitiu um novo parecer indicando o provimento ao candidato, pois “ao passo de 29 anos, que tem passado, há tempo superabundante para emendar semelhantes defeitos e no mesmo tempo tratara o habilitando da cobrança de sua herança”. Da falta de cabedal, deve ter o mesmo se emendado, pois aparece requerendo uma sesmaria em 1752 (Carta de sesmaria – 11-04-1752 – Revista do Arquivo Público Mineiro vol.19, 1921). Quando o tesoureiro mandou notificar o antigo habilitando, recebeu a noticia de que, naquela altura, já havia falecido”.

(3) Antonio de Figueiredo Cabral era natural da Ilha de Santa Maria, freguesia de Nossa Senhora da Conceição, bispado de Angra, filho de Manoel Cabral de Braga e Valenciana de Souza de Figueiredo. Faleceu em São Gonçalo do Brumado em 1741.

Em seu inventário, foram discriminados inúmeros bens como casas de morada em São Gonçalo e “mais casas no Corgo”, uma posse de matos no Rio do Peixe, um sítio “o qual comprei a Pedro de Almeida de Oliveira o qual já está pago e parte de uma banda com Francisco Ribeiro (...) e nele tenho um engenho de cana com toda a sua fábrica a saber: dois alambiques, duas tachas de fazer melado, duas pipas, quatro bois de carro, cinco cavalos, sela, um par de pistolas, um espadim de prata e mais 34 escravos” (Projeto Compartilhar - Inventários de Antonio de Figueiredo Cabral e Izabel Paes de Lira – 1741 - Cx. 38 – Iphan/SJDR)

(4) Izabel Paes de Lira era natural da cidade de São Paulo, filha de Lourenço Correa Pires e ?

D^a Izabel faleceu em 1732, provavelmente de complicações pós-parto, deixando a filha homônima, com a idade de um mês. No inventário paterno (Antonio de Figueiredo Cabral - 1741) a filha aparece mencionada como Isabel Buena de Figueiredo com “10 anos pouco mais ou menos”

(5) No batizado de Inácia Maria de Jesus aos 04-11-1756, filha de José Antunes Rolim de Moura e Maria Barbosa de Lima, na igreja de Santo Antonio em Campanha, a madrinha foi “D^a Izabel de Paes, mulher de Verissimo Gonçalves, morador no Campo Formoso da freguesia das Carrancas deste bispado” (Projeto Compartilhar Maria Barbosa de Lima c/c José Antunes de Moura).

Verissimo Gonçalves Ribeiro foi padrinho de batismo aos 15-07-1748 na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu) de Antonia Maria Custódia Dias, filha de Manoel Martins Gomes e Maria de Siqueira Paes (Projeto Compartilhar – Genealogia Paulista – Izabel de Paes).

ANJO DA GUARDA

Os Anjos chegaram a São Tiago algumas semanas após o início do ano letivo no Grupo Escolar Afonso Pena Jr. Alguns vieram voando escondidos pela luz do sol e outros apenas apareceram. Invisíveis, suas formas e movimentos não eram para o olhar ou percepção dos seres humanos. Qualquer correlação com os estereótipos e a iconografia das referências tradicionalistas era imediatamente desmentida. Não possuíam ou não demonstravam ter asas.

Somente quando se deslocavam era possível vislumbrar, muito dificilmente, uma tremulação transparente do ar com alguns raios de luz azul esmaecida em suas costas. Trajavam roupas longas, pesadas e escuras como se vivessem no frio intenso, mas demonstravam não se importar com o calor tropical encontrado. Eram de várias etnias e seus rostos denotavam a tranquilidade de um ser que se sabe poderoso, porém, não o mais poderoso. Espalharam-se pelo Largo da Matriz: alguns sentados nos bancos da praça, um no alto de uma árvore, mais um equilibrando-se na parte externa do campanário da igreja e outros dentro da escola, nos seus corredores laterais e no pátio lotado por ser hora de recreio. Era nítido, pois indistinto, que cada entidade dedicava sua atenção especificamente a uma daquelas crianças.

A despeito de certa diferença de idade a menina e o garoto foram contemporâneos. Passaram a infância no Bairro do Cruzeiro e agora eram colegas de sala de aula, pois além dele ter recebido muitas bombas na vida escolar não era costume ou preocupação didática e administrativa separar os alunos por faixa etária.

A menina era miúda, franzina, magrelinha, com uma constante franjinha. As orbitas profundas dos olhos contrastavam com sua condição de criança saudável. Ainda brincava de bonecas e paralelamente andava descalça, subia nas grimpas da jabuticabeira, nas galhadas era trapezista de circo e fingia ser dona da Oficina Mecânica Dom Carlos com seu irmão caçula, escrevendo o nome a carvão na parede da casinha da horta. Gostava de ir à escola: encapar cadernos e livros, apontar o lápis e se encontrar diariamente com as coleguinhas até certa idade tem seu charme.

O garoto, mais velho, era forte e apresentava um perfil de corpo esticado. Numa grande boca rasgada seus lábios também eram enormes, muito desproporcionais, suplicando para serem chamados de beijos. Logo ganhou fama de valentão, o rei das espertezas e brigas de meninos na rua. Usou o medo que infligia para conseguir vantagens em todas as moedas de troca. Sem dó escondia a roupa dos garotos que iam nadar no Poço do Sô Olímpio deixando-os sem recursos para voltar para casa. Um futuro sem esperança ficou mais claro quando conquistou um canivete que passou a portar e usar como elemento de intimidação e declaração de poder.

No ponto crucial desta história o garoto se aproxima da menina em algum lugar ocasionalmente vazio da escola e ordena que, a partir daquele dia, ela passe a fazer os deveres de casa para ele, calada, senão!... Não poderia contar para ninguém. Apontava o canivete para o peito dela com alguns movimentos de ir e vir.

Passado o susto e o estupor a menina só tem a alternativa de obedecer. Obedeceu desta e em todas as outras vezes, repetidamente, por muito tempo. Entretanto, seu corpo não concordou e exteriorizou o sofrimento. Passou a ter constantemente episódios de febre, garganta inflamada, desânimo e prostração, pânico aparentemente injustificado, renegando com angústia ter que frequen-

tar a escola. Ao piorar os sintomas foi finalmente declarada enferma e abrigada a ir para a cama tendo que realmente faltar às aulas.

Era uma casa de família numerosa. Muitos filhos dormiam juntos para que todos se acomodassem. Com um arranjo temporário ela ganhou uma cama exclusiva, no quarto de dentro e de costura, além dos aposentos dos pais. Assim sua mãe poderia estar mais próxima e a recuperação mais eficiente. Em plena madrugada, encharcada de suor do sono ruim da febre, delíria, balbúcia, se debate e percebe a onírica presença de uma mulher loura, cabelos longos, com a roupa dos anjos, velando-a.

- Calma criança, eu estou aqui.
- Me ajuda, me ajuda. O Beijo! O Beijo! O Beijo vai me pegar.
- Ninguém vai te pegar, criança.
- Faz alguma coisa com ele! Faz alguma coisa com ele! Canivete!
- Eu estou aqui para te proteger.

Não preciso fazer nada contra ele.

- Quem é você?

- Não se preocupe. Vou passar a mão na sua cabeça e você vai dormir e descansar. Na hora certa nada disso será lembrado.

Os anjos não conversavam entre si, mantendo-se solitários na vigília. Um anjo albino era claramente o responsável por zelar a vida do garoto, e com este todos conversavam após eventos de perigo.

De qualquer forma o garoto também era importante.

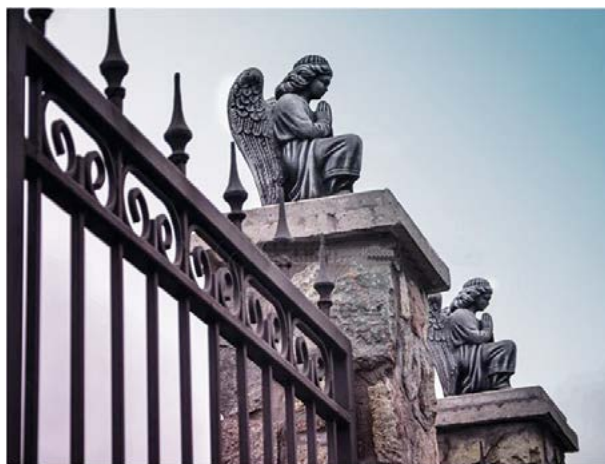
Os próximos dias foram mais leves, mais calmos e apaziguados. O medo e o drama foram embora mesmo que eventualmente continuasse a obedecer à chantagem. Aos poucos o ritmo foi desacelerando distraidamente na direção da normalidade em paz.

Os anjos, da mesma forma que vieram partiam deixando para trás o anjo albino. Continuavam a guardar seus protegidos remotamente, sendo este um dos seus poderes e predicados.

No futuro, na condição de adulta, a menina lembra aqueles fatos de uma maneira bem peculiar. Pode contar toda a história numa frase de poucas orações, mas não consegue elaborar detalhes. Não faz falta e não é relevante para ela. Infelizmente também não se lembra de seu anjo da guarda, mas isso, no caso, não é importante para ele, soldado das alas menos poderosas na hierarquia celestial, mas as mais próximas dos seres humanos a quem devem proteger e orientar sem exigir reconhecimento.

Quando o garoto se transformou em rapaz ele abandonou São Tiago para algum lugar na região metropolitana de Belo Horizonte. Hora de criar a própria vida, cuidar da sobrevivência. O anjo albino continuou a segui-lo, sempre. Em São Tiago chegavam poucas notícias a respeito dele, e não eram boas. O que se falava era recheado do mesmo temor sentido em tempos de garoto. A violência ainda o perseguiu até quando a crueldade que os seres humanos podem fazer uns contra os outros foi maior que os poderes do anjo da guarda albino. Ao receber ordens superiores o anjo voltou para casa junto aos seus, ciente de que lutou contra todas as probabilidades e perdeu. Espera em paz outra criança destinada a sua guarda com a fé de que dessa vez não falhará.

Estes fatos nunca ocorreram, parcialmente!
Inspirado no filme "Tão longe, tão perto" de Wim Wenders
Imagem: site "Dreamstime.com"
Fabio Antônio Caputo



A FLOR DE LIZ

Os três cavaleiros chegaram a São Tiago um pouco depois do meio dia. Usavam roupas de vaqueiro ou empregado de fazenda, sem os enfeites e firulas de festa sertaneja, mas certamente bastante empoeiradas. Camisas de manga comprida provavelmente para proteção dos braços contra o sol durante a viagem. Em fila indiana, o da frente demonstrava ar de comando com o semblante sério, o bigode de autoridade e um chapéu de abas largas. O do meio trazia o mesmo aparato, mas sua imagem bem menos poderosa confessava ser ele um segundo em comando. O terceiro, bem mais jovem, sem chapéu, faces rosadas ou talvez queimadas pelo verão, muito suado, aparentava um genuíno desconforto em estar ali.

Foram rápida e diretamente para o Bar do Sr. Tião Coité deixando transparecer que sabiam muito bem o que fazer.

Estando o Sr. Tião à porta do estabelecimento ele recepcionou os fofasteiros, mesmo que de forma arredia. Os dois cavaleiros mais velhos apearam do cavalo e o rapaz não se mexeu. Após os cumprimentos de praxe perguntaram onde poderiam encontrar o delegado da cidade. Informados que delegado estava fora tratando de um caso complicado no Povoado do Germinal entreolharam-se e de supetão afirmaram estar procurando uma pessoa, Josué Constantino Assumpção, que presumidamente estava nessa cidade.

Alguns clientes e transeuntes já estavam interessados pelo que estava acontecendo, passando a claramente assistir ao diálogo. Todos perceberam que os cavaleiros possuíam coldres com revolver alojado, senão de maneira ostensiva, mas nitidamente sem intenção de esconder. Em pelo menos um arreio via-se uma bainha com o cabo de uma espingarda aparecendo.

Neste instante chega o Crispim com seu passo peculiar dançante, com o maior sorriso cheio de dentes prejudicados que a boca possivelmente poderia oferecer, demonstrando um verdadeiro encantamento com o cavalo alazão do rapaz mais novo. Simultaneamente o Sr. Tião, nos seus limites de tensão e preocupação, chama um menino no canto com um máximo de discrição, pedindo para convocar o Monsenhor na Igreja Matriz ao lado. Autoridade por autoridade, em falta do delegado, a de Deus haveria de servir.

Em pouco tempo o Monsenhor estava atravessando a rua apressado, guiando a bainha da batina com as mãos e providenciado as novas apresentações enquanto o jovem cavaleiro já demonstrava certa insatisfação com o Crispim.

Na conversa que se seguiu todos ficaram sabendo serem os cavaleiros empregados de um forte e poderoso fazendeiro da região de Piumhi. O homem procurado, Josué, tinha umas diferenças, desavenças e acertos pendentes com o patrão. Os detalhes e motivos não foram revelados. A missão do grupo era encontrar e escoltar o indivíduo para o oeste de Minas. O cavaleiro jovem era filho e representante do patrão, mas sua preocupação neste instante era conter o cavalo, inquieto com as tentativas do Crispim de fazer carinho em sua bela pelagem avermelhada.

Confrontado pelo Monsenhor sobre qual a fonte da certeza que tinham sobre o homem estar em São Tiago, o chefe do grupo continuou com os esclarecimentos. O patrão, em Piumhi, era um homem de muitas preocupações e negócios no setor agropecuário, mas no tempo que podia dispor para lazer tinha interesse nesses assuntos de leitura, livros e etc. Era amigo de um escritor famoso, ou coisa assim, João Pontes, ex-morador de São Tiago. Esse João Pontes, por sua vez, tinha por interesse

pessoal, quase um hobby, a selaria, fabricação de selas e arreios, conhecendo todo o pessoal envolvido em boa parte de Minas. Ao visitar um amigo em um povoado próximo da sede do município de São Tiago viu uma sela com uma Flor de Liz em forma de medalhão gravada num cantinho do lado esquerdo. Sabia quem era o artesão, pois a Flor de Liz era uma assinatura. Num encontro com o amigo de Piumhi contou a descoberta, e eis a razão por todos estarem ali naquele instante.

Após uma tentativa mais audaciosa do Crispim de fazer carinho no alazão o cavalo se descontrola e sai em disparada em sentido o Bairro do Cerrado. Nada que o jovem cavaleiro não controlasse antes de chegar ao meio do Largo da Matriz. Sem mais palavras e ato contínuo os outros dois montaram e seguiram o filho do patrão.

Após rápida reunião perto da casa do Procópio partiram sem olhar para traz. O Monsenhor refletiu que eles sabiam para onde iam e que nem precisavam ter parado para pedir informações.

Nos próximos dias as cartas foram sendo jogadas à mesa, de forma desordenada de início, mas depois montando um jogo.

Transportadores de leite confirmaram que os cavaleiros pegaram a estrada que vai para o Córrego Fundo. Alguém se lembrou de que há algum tempo o Circo do Aibi, genro da Dona Rosaria, esteve em São Tiago, e quando terminou a temporada e partiu, um membro da equipe ficou por aqui, discretamente, carregando uma simples mochila e uma sela.

Supostamente foi para o Povoado da Içara onde se empregou informalmente fazendo pequenos serviços de roça. E por fim veio o relato de que cavaleiros invadiram o pequeno conjunto de casas do povoado

iniciando uma perseguição a um morador, que fugiu mato adentro.

A légua e meia seguindo um traçado de caminho da Içara para Jacarandira existe um pequeno ponto especial na estrada, uma interseção de três destinos conectados num pequeno trevo em forma de triângulo. Olhando em frente são terras de Passa Tempo (Jacarandira). À direita Resende Costa e à esquerda Oliveira (Morro do Ferro). Nas costas do observador fica para traz o município de São Tiago.

A uma curva deste ponto um lavrador relatou ter visto um homem em carreira desabalada, ofegante, seguido pouco depois por um tropel de cavalos atigados pelos seus montadores.

Ninguém foi testemunha do que aconteceu quando chegaram a este ponto notável de estrada. Seja qual rumo tomaram as partes, todos numa mesma direção ou um conseguindo enganar o outro, nunca mais se soube de nada a respeito de todos.



**Estes fatos nunca ocorreram.
 Imagem: site "Magazineluiza.com.br"
 Fabio Antônio Caputo**

DE POETA E LOUCO TODOS TÊM UM POUCO



SENTIMENTAIS

DÓI SEMPRE NA GENTE, ALGUMA VEZ, TODO AMOR
 ACHÁVEL, QUE ALGUM DIA SE DESPREZOU
 [Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]

JAMAIS AMOR TEREI (10-01-95)

Numa louca ansiedade de encontrar-te,
 Por este mundo andei, em pensamento...
 Chamando por teu nome em toda parte,
 Sem ter quem respondesse ao chamamento.

Ah! se pudera, ao menos, eu fitar-te
 O meigo e doce olhar um só momento...
 Um momento que enfim minha alma farte
 Dum último e total contentamento.

Nessa esperança, em vão, de canto em canto,
 O mundo pervaguei e nenhures vi
 Alguém que, em si, tivesse o teu encanto.

E visto que a teu lado mais não posso
 O tempo reviver, qual já vivi...
 Jamais amor terei que nem o nosso!

ESPERANÇA (14-05-94)

Tal qual depois do inverno, em lindas flores,
 A terra inteira aguarda a primavera,
 Assim também meu coração, de amores
 Todo florido, o teu retorno espera.

Temendo que não ouças seus clamores,
 Triste minha alma, às vezes, se exaspera;
 Mas, confiante, ao longe, os vãos temores
 O coração afasta e diz-lhe: espera!

Espera! E já terás, num devaneio,
 A graça de sorrir do teu receio,
 Por fim sanada da saudade a dor!

E, finalmente, então, do mundo oculto,
 À sombra viverás do amado vulto
 Toda a ventura do seu grande amor.

IDEIA FIXA (13-07-94)

Mulher! Quem te deu lá do azul paraíso,
 Na boca tão linda, a mais pura alegria,
 Que flui de teus lábios, em meio ao sorriso,
 Fazendo de ti a divina harmonia?

Quem deu-te esses olhos, que meigos exalam,
 Por onde tu passas, divinos fulgores?
 Que encantam minha alma, se ternos me falam,
 Na luz que os envolve, mistérios de amores?

Mulher! Quem me dera unir ao teu peito,
 Moreno, macio, tremendo sem jeito
 Meu peito de vate, de amor abrasado!
 Quem dera os teus lábios tão doces beijar,
 Depois ao teu corpo, de tanto te amar,
 Feliz, num instante, morrer abraçado!

NÃO TE ESQUEÇAS (18-10-94)

Oh! não te esqueças, ó mulher divina,
 Que foste a sina de um amor supremo.
 Se dei-te a vida, te prometo, agora,
 Chegada a hora, o meu suspiro extremo.

Oh! não te esqueças que um porvir luzente
 Sonhei p'ra gente construir no amor.
 Mas, ai! que pena, que ao dizer: eu te amo,
 Partiu-se o ramo e desfolhou a flor!

Oh! não te esqueças que, p'ra mim, sozinha,
 Foste a rainha, sem igual ninguém.
 Meu coração dentro a pulsar no peito,
 Pulsou, com efeito, só por ti, meu bem!

Oh! não te esqueças de que foste outrora
 Meiga senhora dos desejos meus.
 Hoje, sozinho, nesta velha idade,
 Vivo a saudade dos carinhos teus.
 Oh! não te esqueças que nos meus tristonhos
 E falsos sonhos, me apareces linda,
 Nas trevas d'alma, peregrina Estrela,
 Velando pela minha sorte ainda.

Oh! não te esqueças, coração ausente,
 O quanto sente este poeta aqui.
 Eterno escravo dos encantos teus,
 Até nos céus me lembrarei de ti.

Oh! não te esqueças que, se logo a morte
 Roubar-me a sorte de te ver ainda,
 Cerrou-me os olhos a lembrança tua,
 Na imagem nua de uma deusa linda.

Oh! não te esqueças, se eu morrer primeiro,
 Que o mundo inteiro não valeu-me nada,
 Se não fitara, num momento ao menos,
 Esses morenos olhos teus de Fada!

FASCINAÇÃO (08-07-94)

Meiga donzela que adorei na vida,
 Visão querida, és todo o meu cismar.
 Por ti suspiro, como o santo monge,
 Que vive longe do divino lar.

Numa saudade imorredoura, insana,
 Quase inumana, eternamente imerso,
 Dedico agora à tua linda imagem,
 Doce miragem, um derradeiro verso.

De ti ausente e infeliz no mundo,
 De amor profundo, eis para ti meu carne.
 Contigo, em sonhos, quem me dera ao menos,
 Nesses morenos olhos teus mirar-me!

Em minha vida, porque foste embora,
 Só resta agora do vazio o enjoo.
 Toda a esperança, na minha alma triste,
 Dês que partiste, de viver cessou.

E, quando a morte me buscar em breve,
 Te peço, escreve este recado meu:
 Descansa, enfim, um coração ardente,
 Que, loucamente, por te amar, morreu!

ETERNAMENTE (20-09-94)

Ó doce amada minha, quando um dia,
 Que, espero, esteja longe, bem distante,
 Te fores desta vida à campa fria,
 Contigo irei também: qual teu amante.

Postos, assim, em mútua companhia,
 Juntinhos ficaremos cada instante
 Da longa eternidade, que eu queria
 Fosse feita de amor e paz constante.

E, quando levantarem-se os mortais
 De suas profundas tumbas, separados,
 Para o final Juízo convocados...

Nós dois, indiferentes aos demais,
 E até do eterno prêmio descuidados,
 Sairemos do túmulo, abraçados.

Praça Min. Gabriel Passos



SÃO TIAGO 75 ANOS DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E ADMINISTRATIVA

Há exatos 75 anos, no dia 1º de janeiro de 1949, o intendente Edmundo Loures instalava solenemente o novel município de São Tiago, emancipado pela Lei Estadual nº. 336 de 27/12/1948 que estabeleceu a divisão administrativa e judiciária do Estado, assinada pelo então governador Milton Soares Campos.

O distrito de São Tiago pertenceu por 76 anos ao município de Bom Sucesso até a data da emancipação. Como Comarca até o ano de 2001 quando foi transferido para a Comarca de São João del-Rei. Há ruas de São Tiago e do distrito de Mercês de Água Limpa que ainda trazem nomes de bom-sucesenses. A maioria das escolas rurais antigas, e já extintas, foi criada pelas leis municipais de Bom Sucesso.

A comunidade são-tiaguense desejava perder o vínculo administrativo com Bom Sucesso e caminhar com suas potencialidades. Desejava que São Tiago se tornasse um município soberano e independente. Há alguns anos já havia cogitado a criação do município, porém a passos lentos. Pessoas mais idosas da localidade diziam que havia uma conversa de que o projeto sairia do papel no ano de 1948, porém dependia do governador aprovar e assinar.

A notícia da instalação do novo município chegou ao finalzinho do ano de 1948 e todos receberam com grande alegria e contentamento. O evento foi organizado em dias anteriores e a solenidade foi marcada para o dia 1º de janeiro de 1949. Tudo foi graças ao empenho dos líderes políticos da localidade.

No começo exigiria mais do novel município, mas tudo foi sendo aos poucos direcionado pelo intendente Edmundo Loures até se realizar a primeira eleição. Organizou-se o primeiro quadro administrativo e funcional dos setores básicos da gestão pública. Com a eleição e posse do executivo e legislativo São Tiago criava-se a identidade própria de governo municipal.

Nesses vários anos a comunidade cresceu e ainda cresce no tra-

balho, nas lutas diárias e nas conquistas. Ao lado da agricultura, pecuária, mineração na região do distrito, a cidade descobriu que algo tradicional que já fazia há anos para consumo próprio das famílias pudesse se tornar um empreendimento que alavancasse a economia local, era a produção de biscoitos. Assim por volta da década de 1990 de três padarias existentes na cidade outras tantas surgiram com o desenvolvimento da produção biscoiteira.

A industrialização do produto são-tiaguense, as festas e a divulgação na mídia elevou o nome da cidade e ela tornou-se conhecida na região e no país pelas saborosas e apetitosas quitandas que concederam-na o título de "Terra do Café com Biscoito".

Problemas sociais e de outras instâncias existem? Claro! Onde não os têm? Se há problemas há solução. Mas, acima de tudo, o são-tiaguense é gente de paz, fraternidade, amizade, cooperação e partilha. Com o jeitinho mineiro São Tiago conquista várias pessoas que vindo passear, acabam ficando. Identificam-se com o povo acolhedor, caloroso, trabalhador, de caráter, de fé e de alegria.

Hoje em 2024, São Tiago vive seus 75 anos de emancipação política, administrativa. Embora lá atrás houvesse o período da eferescência do ouro na região e o mesmo se extinguiu, seguimos com muito orgulho no trabalho com a nossa economia local, na fabricação dos biscoitos, na agropecuária, extração de minérios e inovamos também noutros ramos desenvolvendo a criatividade e empreendendo em outras áreas como turismo, artesanato, gastronomia etc.

São Tiago, nos seus 75 anos, mostra a grandeza de seu povo que são pedras fundamentais do progresso e desenvolvimento do município.

Marcus Santiago
 Membro do IHGS



O sobe e desce da Rua do Amendoim

Um dos mistérios mais famosos de Belo Horizonte fica localizado no Bairro Mangabeiras, na Região Centro-Sul da capital. Na Rua Professor Otávio Coelho Magalhães, mais conhecida como Rua do Amendoim, próxima a Praça do Papa, a gravidade é desafiada. Os carros sobem sozinhos e até a água escorre para cima. Apesar de desvendado há muitos anos, o segredo da via até hoje atrai belo-horizontinos e turistas que vão até o local ver o fenômeno com os próprios olhos.

Apesar de não possuir registros oficiais, a Prefeitura de Belo Horizonte estima que milhares de pessoas já estacionaram o carro na Rua do Amendoim para vê-lo andar sozinho ladeira acima. Se você parar o automóvel em ponto morto no local, a sensação que se tem é de que ele sobe sozinho, sem nenhum tipo de esforço mecânico ou manual. Muitas pessoas já tentaram explicar o fenômeno, e é possível encontrar centenas de teorias por aí. A mais famosa é de que, graças à grande quantidade de minério de ferro existente na região, um “campo magnético” capaz de puxar os carros é criado.

As conspirações dos moradores já foram desmentidas e a explicação é simples: trata-se de uma ilusão de ótica. O nível da via já foi medido por diversos engenheiros, físicos e curiosos que constataram que, apesar de parecer um aclave, a Rua do Amendoim é um declive. Ou seja, o carro realmente desce quando em ponto morto, mas por causa dos pontos de referência existentes no local, a impressão é de que está subindo. Uma das questões que ajudam na criação da ilusão é a Rua Juventino Dias, na esquina da rua misteriosa que, por se tratar de uma rampa muito acentuada, faz parecer que a Rua do Amendoim é inclinada. Por



se tratar de perspectiva, alguns pontos da via comprovam que se trata de uma descida.

Outro mistério que circunda o local é o porquê de a rua ser conhecida como Rua do Amendoim, apesar de ter um nome oficial completamente diferente. Embora não tenha uma explicação e registros oficiais, Marco Antônio, historiador da Diretoria de Patrimônio Cultural da Fundação Municipal de Cultura (FMC), conta que alguns veículos afirmam que o apelido está associado à ladeira que leva o nome de “Amendoim”, na cidade de São Thomé das Letras, no Sul de Minas Gerais, e apresenta a mesma ilusão de ótica. No entanto, Marco Antônio destaca que não existem documentos confiáveis que atestem essa inspiração em São Thomé das Letras, portanto, seria apenas mais uma teoria.

Mesmo com o segredo revelado, a Rua do Amendoim ainda é um passeio imperdível em Belo Horizonte. Além de ser local de um fenômeno curioso, fica perto de outros pontos turísticos que valem a pena ser visitados - como o Mirante do Mangabeiras, a Praça do Papa e o Parque da Serra do Curral.

Colaboração Dr. Tarcísio de Oliveira

NOVOS INDICADORES PARA MENSURAÇÃO DO PIB

Indicadores econômicos e sociais vigentes utilizados por governos e instituições privadas e públicas para mensurar/projetar índices de PIB, somatórios de produção, emprego, consumo, inflação, qualidade de vida etc. são hoje questionados, tidos como insatisfatórios, inadequados, inconsistentes.

Pesquisadores como o prof. Amartya Sen da Universidade de Harvard (obra: “Desenvolvimento com Liberdade”) entendam a inclusão de indicadores que avaliem a consistência e efetividade das políticas públicas, mormente na área de direitos – exercício da cidadania, a qualidade, estabilidade e bem-estar e animo social. Para tanto ele listou 7 indicadores:

- 1- Padrões de vida material, renda;
- 2- Saúde;
- 3- Educação;
- 4- Atividades pessoais, inclusive laborais;
- 5- Interações sociais e de governabilidade;
- 6- Meio ambiente – condições atuais e futuras;
- 7- Insegurança (material, física etc.)

Políticas públicas meramente superficiais, não consistentes, que não mensuram o desempenho, não atentando para diferenças de estratos sociais (etnia, gênero, desigualdades regionais e históricas), acesso a serviços, liberdade de opção de escolha do cidadão em sua maioria marginalizados.

Ou seja, o Estado não avalia adequadamente as reais condições de vida dos cidadãos, suas privações e necessidades do dia a dia, não escrutinam as causas primárias da marginalização, assim os interesses do cidadão são conflitantes – ou sequer considerados – como os definidos pelo Poder Público (imensas massas marginalizadas duplamente: social e oficialmente). Complexos fatores que discriminam os grupos “diferencia” dos de cidadão e chancelados pelo Estado.

Em suma, políticas públicas que postergam a miséria, a marginalização e indiferença para com a sociedade. Enquanto isso, o pessoal do andar de cima – os comensais do Estado – se baqueteiam com toda sorte de benesses.

Um País de excepcionais potencialidades, porém, acometido, há séculos, de raquitismo, de inação econômica, aguardando reformas de impacto – tributária, fiscal, política - eficaz e melhoria na educação em todos os níveis, inovação tecnológica, melhoria da produtividade, qualidade e competitividade.

“O insuflar na alma brasileira a ambição da grandeza” (Juscelino Kubitschek)

Elegando-se o desenvolvimento integral como meta prioritária nº 1.

SÃO-TIAGUENSES NOTÁVEIS

Raul Wilson da Mata

“Homem carismático, de lembranças admiradoras por onde passa que mesmo com seu hábito de acumular as coisas, sempre esperou que aqueles itens um dia poderiam ser-lhes úteis, ou seja, um pequeno pedaço de arame ou um prego a ser desentortado. Para muitos é chamado como Raulzinho da Manteiga, deu sempre a vida para aquele local, de alguma maneira tenta até hoje ser o local de referência ao passado.” (Ana Cristina Mata)

Raul Wilson da Mata, nascido em São Tiago, aos 29/02/1936, filho do Sr. Joaquim Vivas da Mata e D. Marina Caputo da Mata, segundo entre nove irmãos: Onofre Marize da Mata, Maria Elza da Mata Mendes (Elzita), Edna Vivas da Mata Mendes, Eunice Vivas da Mata Oliveira, Job da Mata Neto, José Glória da Mata, Luiz Vivas da Mata, Marina Lúcia da Mata Mendes e Maria da Conceição da Mata Daher.

Família de nível socioeconômico médio, proprietária da Fazenda da Manteiga, onde Sr. Raul viveu intensamente parte de sua infância marcada por algumas travessuras. Aos cinco anos de idade teve a perna quebrada em consequência de um tombo da cama, quando brincava com sua irmã Elzita. Ficou quarenta dias deitado em um catre com a perna esticada por um cordão amarrado em um tijolo. Pouco tempo depois, quebrou a clavícula, caindo da porteira.

Um episódio engraçado foi quando, correndo do seu pai para não levar umas palmadas, ao atravessar as réguas da coberta de tirar leite, agarrou o pescoço ficando entalado. Seu pai conseguiu alcançá-lo dizendo-lhe:

- Muito bem! E agora?

O ocorrido acabou dando muito trabalho ao seu pai que, para tirá-lo das réguas, foi preciso buscar uma enxó para fazer um corte e assim libertá-lo. Acabou não apanhando mais.

A partir dos sete anos, no ano de 1943, na idade escolar, veio para cidade de São Tiago morar com seus avós maternos, Sr. Luiz Caputo e D. Jovina da Mata Caputo (D. Zica), na pensão familiar à Av. Benjamim Guimarães, permanecendo aí até o 4º ano do Curso Primário.

Nesse período, gostava muito de jogar bola no campo de futebol e também na praça principal da cidade, ao lado do antigo coreto. Brincava de pique em volta do passeio da igreja, de bolinha de gude e carrinho de rolimã. Lembra que, em uma dessas ocasiões, brincando com o colega de escola, Univaldo de Sousa (Vavá do Sr. Paulo Manteigueiro), passou com o carrinho de rolimã em seu tornozelo, cortando o tendão. O menino Raul ficou seis meses sem andar. Para ir à escola era levado pelos colegas Tarcísio Caputo e seu irmão Antônio Caputo.

Ao término do primário foi com seu irmão mais velho, Onofre, estudar em São João del-Rei, no antigo Colégio Santo Antonio, onde permaneceu por quatro anos, até o término do Curso Ginásial. Foi, então, para Belo Horizonte fazer o Curso Científico. Na capital mineira, Raul dedicava seu tempo aos estudos e ao esporte.

Em 1959, preparando-se para prestar o vestibular de medicina, seu sonho e também do seu pai, teve que encerrar um ciclo de sua vida e voltar para São Tiago, devido à morte prematura e repentina de seu pai. Raul assumiu então a administração dos recursos econômicos e a responsabilidade afetiva da família.

Sua juventude não foi diferente quanto à prática de esportes aprimorando o seu gosto pelo futebol. Começou também jogar voleibol. Praticava esse esporte no fundo da prefeitura, onde havia uma quadra de terra. Depois em uma quadra de cimento que ele e os amigos, José de Oliveira Santiago (Zé do Henrique) e Maurício Jefferson Pinto, cimentaram. Consagraram-se líderes desportistas em sua terra natal.

Por muito tempo jogou futebol de campo pelo Cruzeiro, time tradicional de São Tiago, destacando-se como goleiro. Em suas lem-



branças conta que, em uma disputa com o Tupinambás, onde ganhavam de 1x0, após as mudanças de estratégias do técnico do Tupinambás, seu grande amigo Zé do Henrique, perderam de 6x1. Saiu do jogo bem machucado: cheio de escoriações pelo corpo de tanto cair para tentar defender o Cruzeiro.

Casou-se, aos vinte e cinco anos, com D. Leda Vivas da Mata em cerimônia realizada na Igreja Matriz de São Tiago, às dez horas do dia 28 de janeiro de 1961, assistida pelo Monsenhor Francisco Eloi de Oliveira. Estavam presentes muitos amigos e familiares dos noivos que foram recebidos em grande festa e muita alegria com o já tradicional café com biscoitos.

Sr. Raul e D. Leda têm cinco filhos: Diana Simone da Mata Silveira, Ricardo Alessandro da Mata, Andréa Dória da Mata, Adriana Aparecida da Mata Assis e Ana Lúcia da Mata. Seus genros e nora: José Augusto Coelho da Silveira, Renato Prudente de Assis, José Geraldo Magela da Silva e Fátima Aparecida dos Santos Mata. Sr. Raul e D. Leda são avós de oito netos: Maysa da Mata Silveira, Mariana da Mata Silveira, Gustavo Augusto da Mata Silveira, Caio Mansueto de Oliveira Mata, Joaquim Vivas Santos da Mata, João Pedro Santos da Mata, Henrique da Mata Assis e Luiza da Mata Assis.

Além da responsabilidade na fazenda e negócios da família, começou sua vida social e política muito cedo por amor à sociedade santiaguense. Ocupou vários cargos: funcionário do Banco Nacional, Professor de Matemática e Ciências no Ginásio Santiaguense, Presidente e um dos fundadores da Associação Rural, Presidente e um dos fundadores da Cooperativa Agro Pecuária, Prefeito por dois mandatos (10 anos), vice-prefeito, um dos fundadores do SICOOB / CREDIVERTENTES, onde ocupou ainda o cargo de conselheiro por algum tempo. Fazendeiro por toda a vida.

Sr. Raul foi grande incentivador e colaborador na criação, fundação e funcionamento do Ginásio Santiaguense. No início dos anos 60 não havia em São Tiago profissionais da educação. Recursos didáticos, tecnológicos econômicos e financeiros eram raros e escassos. Recém-casado, sobrecarregado com os afazeres da família, da fazenda e atento aos compromissos particulares e pessoais, aceitou colaborar, quase gratuitamente, ministrando aulas de Matemática e Ciências Físicas e Biológicas. Às vezes, chegava correndo diretamente da fazenda, em uma rural já bem velhinha, assumindo pronta e instantaneamente a postura de Professor Ginásial, mesmo que a aparência e o vestuário fossem do homem da roça. Alunos carentes não possuíam materiais escolares necessários ao nível ginásial, Sr. Raul ditava as anotações,

também quase sem nenhum recurso didático, enquanto explicava a matéria. De forma surpreendente, seu método científico era esplêndido! A aula era à noite, havia alguns alunos que trabalhavam o dia todo, Sr. Raul, enquanto ditava ou explicava conteúdos, corria todo o espaço da sala de aula verificando a atenção de seus ouvintes. Corrigia caligrafia, ortografia, estética e cuidado com os cadernos. Seus alunos, além das matérias que lecionava, aprendiam com ele linguagem escrita e oral, arte e valorização do pouco material escolar de que dispunham.

Enquanto Prefeito Municipal, uma de suas principais prioridades foi a Educação de qualidade. Além de cuidar pessoalmente do nível de ensino das escolas municipais, fez parcerias inusitadas com diretores das escolas particulares e estaduais para participação em eventos cívicos, sociais, religiosos, culturais e artísticos. Através de seu interesse, motivação e incentivo, alunos de São Tiago participaram pela primeira vez e conseguiram destaque em apresentações de Feiras de Ciências e Feiras Culturais a nível regional.

Principais obras enquanto prefeito do município de São Tiago:

- Prédio da atual Prefeitura 1º e 2º andares e almoxarifado (já demolido);
- Fundação e construção do prédio para a 1ª biblioteca pública do município;
- Construção do 1º posto de saúde da sede do município e do distrito de Mercês de Água Limpa;
- Construção do Prédio Escolar do distrito de Mercês de Água Limpa, em 1968;
- Construção do Prédio Escolar da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC;



- Construção de Prédios Escolares nas Comunidades Rurais da Manteiga, Cachoeirinha, Capão das Flores, Fundo da Mata, Tatu, Córrego Fundo, Jorge, Chapada, Pau Lavrado, Jacaré, Cajengá e Carapuça;

- Melhoramento, ampliação e reforma nos Prédios Escolares dos Melos, Patrimônio e Germinal;

- Em suas duas gestões, obteve o número de 19 escolas rurais funcionando. Aonde tinha aluno, também tinha escola, já que não havia transporte escolar;

- Construção do Prédio da EMATER e do correio à Rua Capitão João Pereira;

- Construção de uma área de lazer e esportes, em frente a Prefeitura, na Praça Ministro Gabriel Passos, com gangorras, escorregadores, pista de patins, quadra de voleibol, de futsal e quadra de areia;

- Conclusão da obra e funcionamento pleno da Praça de Esportes com piscina olímpica, piscina infantil, quadras de voleibol e de futsal, campo de futebol, jogos de mesa e playground para crianças;

- Educação, Arte, Cultura e Esporte eram prioridades em sua

gestão. Foi criado um grupo teatral com a participação de funcionários da prefeitura e também das escolas. Apoio integral a todo tipo de esporte;

- Estacionamento para carros em frente a praça de esportes;

- Grande melhoramento no abastecimento da água na cidade e no distrito com construção de caixas d'água para depósito e distribuição;

- Foram construídas várias casas para os operários sem teto, com mão de obra realizada em mutirões, sem custo financeiro: a prefeitura auxiliava no transporte e com alguns materiais que sobravam de outras obras;

- Assistência médica e de medicamentos aos cidadãos carentes para ajuda humanitária;

- Construção da estrada que liga o distrito de Mercês de Água Limpa ao município de Bom Sucesso (rodovia atual);

- Construção da linha telefônica a magneto até o distrito de Oliveira – Morro do Ferro – e também do posto telefônico da cidade;

- Criação de oficina mecânica;

- Abertura de várias ruas e calçamentos de pedrinhas e bloqueios em tantas outras.

Curiosidades em seu mandato:

Tendo recebido a prefeitura com inúmeros mata-burros a serem feitos e colocados, aproximadamente cento e trinta e cinco, ficou preocupado. Em estudo com sua equipe de trabalho para solucionar em tempo hábil tal proeza, acabou por inventarem mata-burros de três peças, aproveitando toda madeira dos mata-burros quebrados. Conta que tinha uma furadeira e as peças dos mata-burros já iam furadas para as estradas e assim receberam os pregos reaproveitados e desentortados pelos funcionários. Todo este trabalho era realizado na própria oficina da prefeitura.

Durante suas duas gestões, os operários, como eram chamados os funcionários que trabalhavam na parte externa da prefeitura (pátio, ruas e estradas), não saíam para trabalhar sem antes tomar o café com leite e comer os bolinhos (sonhos) feitos pelos próprios funcionários responsáveis pela preparação do lanche. Esse hábito demonstrava carinho pelos trabalhadores e a certeza de que, através da gratidão, cumpririam suas tarefas com alegria e prazer.

Sr. Raul conta que, certa vez, o funcionário responsável pelo serviço de água da cidade foi orientado pelo prefeito a cortar a água de quem estivesse com o pagamento em atraso. Saindo para fazer o corte, quando chegou ao local, percebeu que o endereço era de sua própria casa. Teve que conversar com sua esposa, que estava lavando roupa no momento, que, infelizmente, a água teria que ser desligada por motivo do não pagamento da conta. Assim o fez. No mesmo dia, foi chamado pelo prefeito Raul que lhe deu o valor da conta de água em atraso para efetuar o pagamento. O funcionário agradeceu dando pulos de alegria. Valeu a experiência: não deixou, nunca mais, sua conta em atraso.



**Pesquisa: Diana Simone da Mata Silveira
Carlita Maria de Castro e Coelho (Organização)**

SÃO-TIAGUENSES NOTÁVEIS

Dário Luiz de Freitas

Dário Luiz de Freitas, hoje com 86 anos compartilha um pouquinho da sua história como motorista de caminhão e também da sua amada família. Casado com Mercês das Graças Freitas (falecida em 28/08/2020), tiveram oito filhos: Dário de Freitas Filho, Denise Aparecida de Freitas, Diana das Graças Freitas, Denílson de Freitas, Dilvânia Luciana de Freitas, Dyrlene de Freitas, Daniela Marisa de Freitas e Durval Antônio de Freitas.

Sabores: *Com quem aprendeu a dirigir?*

Dário: Aprendi a dirigir com o meu irmão José Luiz, conhecido como Zeca. Comecei a dirigir em 1962, quando eu tinha 25 anos. Antes disso, minha atividade era puxar creme montado nos burros e trazer para a cidade, em um antigo laticínio – Freire – localizado na Rua São José, que tinha como proprietário o Sr. Lopo Martins que se dedicava à fabricação de manteiga. Os produtos eram transportados para o Rio de Janeiro pelo Sr. Vicente Mendes.

Sabores: *Quando foi tirar a carteira de habilitação foi mais tranquilo devido ter experiência?*

Dário: Sem dúvida, essa experiência de transportar carretos e produtos foi fundamental e facilitou muito quando decidi tirar a minha carteira de habilitação.

Sabores: *O senhor é de família de caminhoneiros?*

Dário: Na minha família, apenas eu e meu irmão José Luiz (Zeca) que seguimos essa profissão de motorista de caminhão.

Sabores: *Quando adquiriu o caminhão?*

Dário: Meu primeiro caminhão foi um Chevrolet 47, que vendi para o Enir. Logo em seguida, adquiri um Ford F-5, fabricado no ano de 1951, e com ele permaneci até 1976, quando adquiri o Chevrolet Brasil, produzido nos anos 60, e com o qual trabalho até hoje.

Sabores: *Fez muitas mudanças e carretos, além de São Tiago?*

Dário: Não, os carretos que realizava eram todos feitos aqui em São Tiago. Os principais serviços incluíam o transporte de areia, tijolos, pedra, terra, cana-de-açúcar, milho nas roças, mudanças, e também levava os jogadores de futebol para as zonas rurais. Além disso, acompanhava a minha família na roça do meu irmão Tomás, onde ele cedia o terreno, e nós plantávamos juntos.

Sabores: *Durante o trabalho conte-nos um momento alegre e triste.*

Dário: Certa vez, enquanto levava um carregamento de tijolos



para um lote próximo à Vila Ozanam, uma das rodas traseiras do meu caminhão passou sobre uma fossa e o veículo afundou nela. Foi um grande susto, mas, graças a Deus, ninguém ficou ferido. O caminhão estava cheio de crianças, meus filhos, que também me ajudavam nos carretos. Eles acabaram rolando junto com os tijolos até a parte traseira da carroceria. O trabalho de descarregar os tijolos com o caminhão tombado e a cabine suspensa foi desafiador, mas conseguimos. Durante muitos anos, fiz inúmeros carretos para o Monsenhor Francisco Eloi, especialmente na construção das casas da Vila Ozanam, do Hospital e de muitas outras residências em nossa cidade.

Sabores: *Hoje, acha que a profissão caminhoneiro é correr riscos?*

Dário: Com certeza, a profissão de motorista envolve riscos constantes, sobretudo devido às imprudências no trânsito, atitudes irresponsáveis de alguns motoristas e a falta de qualidade dos veículos.



Sabores: *Algum de seus filhos seguiu a mesma profissão?*

Dário: Na minha família, apenas o meu filho mais velho, Dário de Freitas Filho, se interessou pela profissão de motorista. Ele aprendeu a dirigir e realizou diversos carretos comigo, principalmente no Chevrolet, mas, no final, optou por seguir outros caminhos.

Sabores: *Quer deixar uma mensagem?*

Dário: Sim, agradeço, primeiramente, a Deus, que me guardou e protegeu durante toda a minha vida enquanto percorria esses caminhos transportando alimentos e matéria-prima para a construção da nossa cidade. Expresso minha gratidão aos meus filhos e à minha amada esposa, Mercês das Graças Freitas (in memoriam), que sempre estiveram ao meu lado, enfrentando as dificuldades e compartilhando as alegrias em todos os momentos, debaixo do sol ou da chuva. Por fim, agradeço a todos aqueles que dedicaram seu tempo e esforço para que eu pudesse cumprir minha missão como motorista.



Sacerdotes São-tiaguenses - século XIX

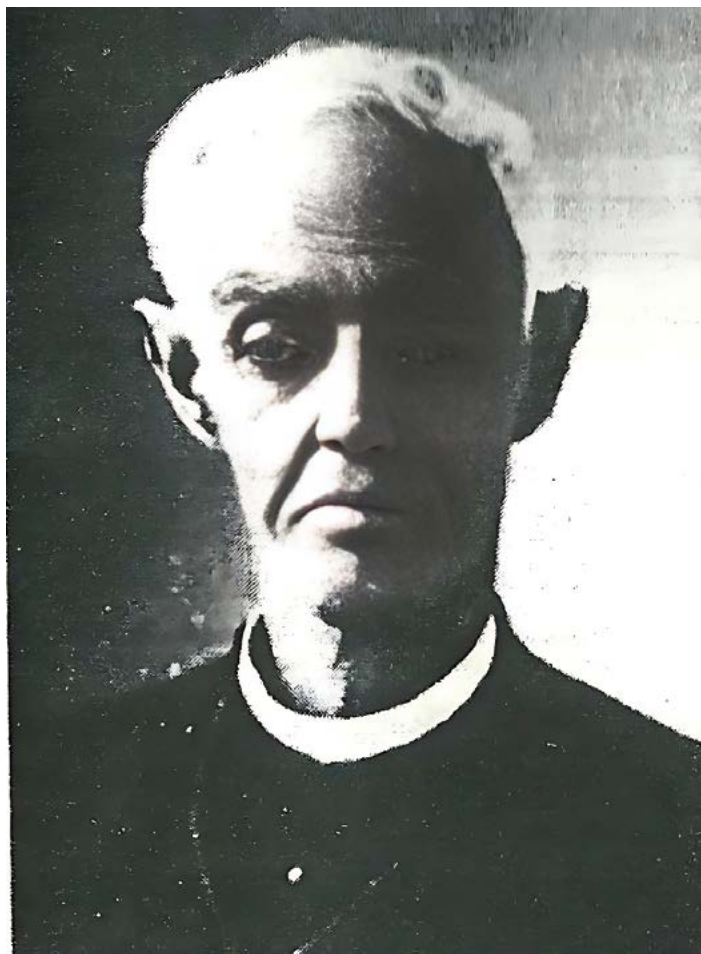
PE. JOSÉ ALEXANDRE DE MENDONÇA

O Pe. José Alexandre de Mendonça, natural de São Tiago, onde nasceu aos 23-06-1866, filho de Hipólito Furtado de Mendonça e D^a Francisca Lara de Mendonça⁽¹⁾. Foi vigário da paróquia de Nossa Senhora do Carmo – Carmo do Cajuru – entre 1889 a 1936, assumindo oficialmente o paróquia-to no dia 15-12-1889 (Livro de Tombo n. 1, fls. 39 – Paróquia de Carmo do Cajuru) A provisão é de 12/11/1889 (SG 91, fls. 115v – APM).

Pe. José Alexandre realizou seus estudos preparatórios no Seminário do Caraça entre 1879 e 1885⁽²⁾, transferindo-se para o Seminário de Mariana em 1886. Ordenou-se aos 25/07/1889 em Diamantina por D. Antonio dos Santos, por se achar enfermo D. Antonio Maria Correa de Sá e Benevides, bispo titular de Mariana. Segundo o historiador Waldemar de Almeida Barbosa em artigo na revista “Luzes” n. 187, março 1966, o Pe. José Alexandre de Mendonça era filho único do casal Hipólito Furtado de Mendonça e Francisca Lara de Mendonça, sendo sua primeira função ministerial, pós ordenado, a de coadjutor de seu tio Mons. João Alexandre de Mendonça na paróquia de Claudio. Dada, porém, a grave enfermidade de Pe. Guilherme Nunes de Oliveira, pároco de Carmo do Cajuru entre 1875 a 1889, Pe. José Alexandre foi designado/remanejado para a citada paróquia de Carmo do Cajuru, onde permaneceria à frente do rebanho até os seus últimos dias (1936). Tinha ele 23 anos quando chegou a Carmo do Cajuru, comunidade a que dedicou todo o ardor e entusiasmo de sua existência, sua mocidade, maturidade e velhice, falecendo aos 70 anos.

Inicialmente, Pe. José Alexandre fora homem de posses, proprietário de duas fazendas e imóveis urbanos, deles se desfazendo ao longo da vida, destinando os recursos das vendas em prol da comunidade cajurense, falecendo praticamente pobre. Antes da construção da casa paroquial, chegou a residir em companhia dos pais provectos, em uma velha casa cedida por uma paroquiana abnegada, D^a Balbina.

“Em 1834, foi criado o distrito de Carmo do Cajuru e mais tarde em 1840 a paróquia de Nossa Senhora do Carmo. A velha capela foi utilizada como matriz até 1912 quando Pe. José Alexandre de Mendonça, pároco de Carmo do Cajuru por 47 anos, ajudou na construção da bela matriz em estilo gótico,



que ainda hoje é orgulho dos habitantes da cidade” “... (Site: Carmo do Cajuru – História <https://www.previcarmo.mg.gov.br/historia>) “...a nova matriz, inaugurada em 15/09/1912, e que teve como benfeitor o Pe. José Alexandre de Mendonça, pároco de Carmo do Cajuru por 47 anos, guia espiritual dos cajurenses e a quem a cidade deve também a passagem dos trilhos da Rede Mineira de Viação pelo seu território, uma usina hidrelétrica e o serviço de abastecimento de água local” (Fontes: Site PreviCarmo / Oswaldo Diomar – “História de Carmo do Cajuru” 2^a ed. 2000 / Enciclopédia dos municípios brasileiros vol. XXIV, 1958, IBGE).

NOTAS

(1) D^a Francisca Lara de Mendonça era irmã de Mons. João Alexandre de Mendonça, filhos ambos do Ten. José Alexandre de Melo e Ana Francisca de Mendonça. D^a Francisca, alcunhada por “Chiquinha”, foi batizada na igreja de São Tiago aos 22-11-1847 pelo Pe. José Mendes dos Santos, sendo padrinhos Francisco Furtado de Mendonça e Ana Josefa de Almeida Lara (Livro de batismos de 05.1846 a 11.1858, fls. 7v)

D. Francisca casou aos 11-07-1863 na Ermida da Lavrinha com Hipólito Furtado de Mendonça, celebrante Pe. José Mendes dos Santos e testemunhas o Tenente Urbano Machado Valadão e João Gonçalves de Resende (Livro de Casamentos de 08.1855 a 11.1886, fls. 6v, Paróquia de São Tiago)

No testamento de Joaquim José da Mata, lavrado na Fazenda da Barra, em Conceição da Barra, datado de 31-05-1875, afirma o testador: “Declaro que na compra que fiz da Fazenda da Lavrinha a Francisco Mendes Mendonça, figurou meu filho José (José Pedro da Mata) na terça parte como consta da escritura de compra...” (IPHAN/SJDR 1876 – cx. 82) Joaquim José da Mata faleceu aos 17-02-1866, conforme consta em seu inventário.

(2) José Alexandre de Mendonça – 1879 (site <http://www.santuariodocaraça.com.br?o-colegio-e-seminario/ex-alunos/lista-de-ex-alunos>, acesso aos 27-05-2022)

FILHOS DO CASAL JOAQUIM GAUDÊNCIO DE SOUZA E BARBARA CANDIDA DO AMOR DIVINO

1. Hipólito José de Faria, nascido aos 05-08-1839, sendo seus padrinhos de batismo José de Souza de Oliveira (avô paterno) e Maria Cândida de Santana (avó materna). Casado com Rita Clara de Jesus, pais de Maria dos Anjos de Mello, que se notabilizaria como enfermeira durante a gripe espanhola de 1918.

2. João Gaudêncio de Souza, nascido aos 28-05-1840, sendo padrinhos Antonio Ribeiro de Carvalho e Maria Eufrásia. Casado com Maria da Glória de Faria, filha do Cap. Vicente Cândido de Faria, irmão de D. Barbara Cândida

3. Maria Delfina de Souza Nascimento, nascida aos 01-01-1843. Casada em primeiras núpcias com Domingos Ribeiro da Silva

4. Joaquim Gaudêncio de Souza, nascido aos 12-06-1844, casado com Maria Cristina

5. Ana Gertrudes de Souza nascida aos 28-09-1845. Casou aos 30-04-1860 na capela de São Tiago com seu primo Francisco Ribeiro de Mello, filho de Antonio Ribeiro de Carvalho e Vicência Paulina de Santana (as mães dos noivos, Bárbara e Vicência, eram irmãs)

6. José Gaudêncio de Souza nascido em 1846; casou aos 27-08-1870 com sua prima Maria das Dores Lara, filha de Francisco Gonçalves Lara e Clara Maria de Jesus (D. Maria Cândida de Santana, avó materna de José Gaudêncio, era irmã de

Clara Maria de Jesus, mãe de Maria das Dores)

José Gaudêncio de Souza, falecido aos 31-08-1917, e Maria das Dores Lara foram proprietários da Fazenda Fundo da Mata. Filhos do casal:

6.1. Francisco Gonçalves de Souza, nascido aos 15-10-1871, falecido aos 01-11-1944; casado com Maria Esméria Caputo

6.2. Maria das Dores Lara Almeida, nascida aos 01-01-1873; casada com Ignácio Gonçalves de Almeida, moradores em Sacramento (MG)

6.3. José Gaudêncio Júnior (Juca Gaudêncio), nascido aos 05-04-1874, sendo seus padrinhos Patricio Lopes de Souza e Rita Cândida de Mello. Casado com Francisca Justina da Silva, foram pais, dentre tantos outros filhos, dos drs. João Gaudêncio e Dr. Neto

6.4. Hipólito José de Faria, nascido aos 13-04-1888; casado com Maria Cristina Santiago (Marieta), filha do Cap. João Pereira Santiago e Messias Cândida de Resende. Moradores em Mateus Lemes, com grande descendência, onde Hipólito tornou-se poderoso fazendeiro, de enorme prestígio social e político, e das mais importantes personalidades da região.

6.5. Rita Clara de Faria, vulgo "Mocinha", nascido aos 09-09-1889; casada com seu primo Francisco de Assis Lara (Benchico), filho de Alexandre Gonçalves Lara e Maria da Conceição da Silva, com vasta descendência em nosso meio

DOCTOR CARLITO: MÉDICO NOTA 1000!

Carlos Herbert de Almeida nasceu em São Tiago, filho do Sr. Jandir e da D. Mariinha. O casal teve sete filhos, sendo Carlito o terceiro. Seu pai era dentista, e sua mãe, do lar. Ambos criaram os filhos num ambiente de amor, responsabilidade e companheirismo. Desde pequeno, Carlito expressava o desejo de se tornar médico.

Sua vida escolar iniciou em São Tiago, no Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior". Após a 8ª série, mudou-se para Belo Horizonte para concluir seu sonho de entrar na Faculdade de Medicina. Enfrentou as dificuldades comuns da época, dividindo espaços e repúblicas com colegas, morando nas pensões de D. Nair Mendes, de D. Mécias, Conjunto Jk, Edifício Arcanjo Maleta dentre outros, ficando longe da família e estudando em vários colégios.

Em 1973, obteve êxito a o ser aprovado no vestibular de Ciências Médicas. Após intensos anos de estudo e dedicação, concretizou seu sonho ao concluir o curso de medicina em 1978. Já no ano subsequente, em 1979, deu início à sua residência no IPSEMG, em Belo Horizonte.

Durante dois anos, simultaneamente à residência, empreendeu esforços adicionais ao realizar um trabalho paralelo em São Tiago, dedicando-se a atender a cidade nos fins de semana. Foi nesse período que tomou a decisão de retornar à sua terra natal e dedicar-se integralmente aos seus conterrâneos. Seu lema tornou-se claro: formar-se, regressar à terra natal e zelar pelos cuidados de seus conterrâneos, comprometendo-se a nunca mais se afastar de sua cidade natal. Essa resolução reflete não apenas sua vocação médica, mas também um profundo compromisso com a comunidade são-tiaguense.

Carlito iniciou seus trabalhos no Hospital São Vicente de Paulo, passando pela direção, consultório; realizando cirurgias e partos, onde continua atendendo até os dias atuais.



Na área da saúde, atuou em diversos locais, como o hospital, posto do Cerrado, posto de Mercês de Água Limpa, sendo também médico voluntário no Albergue São Francisco de Assis, na APAE e no pronto atendimento municipal PAM de Oliveira. Foi plantonista no IPSEMG de Belo Horizonte e, atualmente, possui sua própria clínica, a CLINEST Clínica de Especialidades de São Tiago, atendendo a diversos convênios, como UNIMED, IPSEMG, PMMG, servidores públicos da Prefeitura de São Tiago, entre outros.

Além de sua dedicação à medicina, Carlito reserva parte de seu tempo para atividades pessoais, como frequentar o Sítio Boi na Brasa, desfrutando de momentos de alegria com sua esposa, irmãs, os três filhos, os cinco netos e toda a família. Ele é reconhecido por sua humildade, caridade e dedicação, sendo muito estudioso e mantendo-se atualizado realizando novos cursos, congressos e seminários. Recentemente, formou-se especialização em Geriatria e é médico do trabalho. Participa ativamente do Rotary Club e de outros grupos.

As informações apresentadas foram fornecidas por seu filho Rodolfo, que gentilmente me recebeu em sua residência. Esta homenagem é uma expressão de gratidão pelos 45 anos dedicados à população de São Tiago, especialmente pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago. Parabéns por ser um profissional ímpar, um ser humano excepcional e um verdadeiro guardião da saúde de nossa comunidade. Gratidão eterna!



Maria Elena Caputo - Membro do IHGST

BRASIL A FULGURANTE GERAÇÃO DE 1870

O final do século XIX assistiria à “invenção” do Brasil, com o fortalecimento do ideário nacionalista, a conformação de nossos símbolos e mitos, a consolidação da unidade nacional. Mesmo no Império, vigorava a mais ampla liberdade de expressão, sendo D. Pedro II um reconhecido governante liberal e democrata. Uma geração fulgurante de intelectuais – a chamada “geração de 1870” – aflora, então, composta em boa parte por “doutores pobres, jornalistas, oradores que, de todos os pontos do País, surgiam com a pena, com a palavra e com a ação em nome do pensamento liberal” no dizer de Gilberto Amado (Obra “Grão de Areia e outros escritos”, Rio de Janeiro, 1919, pp. 244/245).

Uma reluzente geração composta por nomes como André Rebouças, Machado de Assis, Rio Branco, Rui Barbosa, Tobias Barreto, Joaquim Nabuco, Castro Alves, Silvio Romero, além de vultos como Euclides da Cunha, Oliveira Viana etc. Muitos desses bacharéis eram de origem humilde, mestiços e negros, vários deles sertanejos, que, com a abertura de cursos jurídicos e acadêmicos (em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo) puderam superar as deficiências de sua posição social, sua condição étnica, aflorando-se todo o fulgor intelectual e jurídico de nossos “jovens pobres”. A ascensão social do bacharel mulato seria, segundo pensadores como Silvio Romero e Gilberto Freire, uma das causas do declínio do patriarcado rural no Brasil. O acesso ao bacharelato estender-se-ia igualmente às escolas militares e politécnicas que passaram a incorporar os avanços tecnológicos europeus. A mistura – caldeamento das três raças – como fator de desenvolvimento da democracia participativa e formação/consolidação de nossa nacionalidade.

O Brasil, nesse período, passaria por grandes instabilidades: a guerra do Paraguai que desnudaria as deficiências de nosso Exército e suas relações de poder; o questionamento à chaga da escravidão; a campanha republicana; a rumorosa “Questão Religiosa”. Época em que teorias científicas, de caráter determinista, pontificavam – o evolucionismo de Spencer e Darwin; as teses de Buckle e Gobineau; o marxismo; o positivismo; a quem o historiador José Murilo de Carvalho denominaria “o bolchevismo da classe média”. Já para Silvio Romero, o positivismo era “uma seita política, sectária, exclusivista, de pretensões ditatoriais e, embora minoritária, de influência insidiosa exercida junto às Forças Armadas”. Influência nefasta que acabaria no canhestro golpe republicano de 1889 e de cujas artimanhas, trapaças e peçonhas embarafustamo-nos todos até os dias atuais

A FIGURA DE SILVIO ROMERO

Silvio Romero (1851-1914), notável pensador da época,

entendia que a miscigenação e ascensão das classes humildes seria um grande instrumento da democracia e desenvolvimento do País. e de afirmação de nossa nacionalidade. “O Brasil não tem povo” escreveu o biólogo francês Louis Couty em seu livro “O Brasil em 1884”. Era – e ainda o é – a “síndrome do mazombo” em que grande parte da população não detinha identidade nacional⁽¹⁾. “De um lado do mar, sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do País”, escreveu Joaquim Nabuco.

Escreveu Silvio Romero: “Faltam-nos a hierarquização social, o encadeamento das classes, a solidariedade geral, a integração consensual, a disciplina consciente de um ideal comum, a homogeneidade íntima. Falta-nos a radicação à terra pela propriedade espalhada largamente pelo cultivo, pela produção autônoma da riqueza nacional. O nosso povo está em geral desenraizado do solo ou nele subsiste como uma vegetação estranha. Não temos o operariado rural organizado, afeito ao trabalho regular e seguido nem uma classe numerosa por toda a parte espalhada, de pequenos proprietários agrícolas; nem a dos médios proprietários da mesma espécie; porque as terras são devolutas, de heréus, ou estão nas mãos de grandes latifundiários, hoje geralmente decadentes; não possuímos, por outro lado, o vasto operariado urbano nacional pelo Brasil em fora, nem a pequena burguesia proprietária, farta e abastada, nem tampouco a grande burguesia comparável à das fortes nações particularistas, opulenta, poderosa, progressiva, e, menos ainda, a vasta aristocracia do dinheiro, o grupo dos milionários, dos banqueiros, dos capitalistas com patricios empreendedores. Não possuímos os grandes mineradores, os grandes criadores, os grandes agricultores, os grandes industriais à moderna. Esta geral falta de base econômica estável e independente, que repercute na família e na índole do povo, pela incerteza dos meios e modos de viver, leva-nos a não ter, nem como os povos orientais, a estabilidade patriarcal de uma parte e, nem de outra, a iniciativa da coragem e espírito empreendedor particularista” (excerptos do discurso na ABL de recepção a Euclides da Cunha – data 18-12-1906).

Silvio Romero conviveria com uma nação incompleta, onde faltava espírito de iniciativa, educação, identidade própria em formação, onde a maioria absoluta da população mal produzia para subsistir, entregue ao deus-dará e a iniciativas de praticamente nenhuma rentabilidade e dignidade. Vê-se, lê-se em sua obra o mais desassombroso e puro patriotismo, o horror ao atraso nacional e que, curiosamente, poderia observar – vivo hoje – que muitos de seus ideais vem sendo operacionalizados nos dias atuais, em especial quanto ao empreendedorismo e ampliação da riqueza nacional, mormente realizados por imigrantes e seus descendentes.

NOTAS

(1)Os viajantes estrangeiros enfatizaram o desprezo de grande número dos habitantes brancos pelo trabalho e pela região generosa em que habitavam e ainda a inaptidão dos mesmos para a vida laboriosa e ativa. John Mawe refere-se à incapacidade gerencial dos donos de escravos, fossem portugueses de origem ou seus descendentes mazombos. “Os negros constituem sua principal propriedade e ele os dirige tão mal que os lucros do trabalho deles raramente pensam as despesas de sua manutenção; com o decorrer do tempo, tornam-se velhos e incapazes de trabalhar; ainda assim, o senhor continua a viver na mesma negligência e na ociosidade (...) Esta degeneração deplorável constitui o traço característico da maior parte dos descendentes dos primeiros colonos; todas as espécies de indústria estão nas mãos de mulatos ou dos negros; estas duas classes de homens parecem exceder em inteligência a seus senhores, porque fazem melhor uso dessa faculdade” (Obra “Viagens ao interior do Brasil” Rio de Janeiro, Ed. Zélio Valverde, 1944, p. 177).

A BICICLETA E A RUA VIEGAS

Bicicleta é um bicho esquisito. Ela cai. Desconhece um princípio básico de engenharia que ensina que um sistema em equilíbrio livre necessita de no mínimo ter três pontos de apoio para começar a ser eficiente. Assim, ela confessa seu erro de origem, seu problema de projeto básico. Ela só tem duas rodas. Ela foi concebida para cair.

Além disso, é um bicho difícil de ser domado. Os adultos de antigamente, não sei os de hoje, eram de uma sutileza de elefante ao definir o necessário para aprender a andar de bicicleta. Era preciso tentar, cair, ferir os joelhos e ralar as pernas no chão. E então, tentar de novo. De minha parte, obrigado, não quero.



É obvio que tudo isso é ironia ressentida de quem não sabe andar naquilo. Eu não sei. Dizem que quem já andou nunca esquece. Isso eu também não poderei saber ao certo.

Um nobre alemão, Barão Karl Von Drais, foi o primeiro a desenvolver uma bicicleta, ou algo parecido com o que conhecemos como tal, em 1817. Esta pitoresca máquina já venceu mais de dois séculos sobrevivendo a carros e motos motorizadas com diferentes tipos de combustível. Mantém o prestígio sem muito esforço.

São Tiago não é exatamente o melhor lugar para o uso de bicicletas. Não é tão ruim quanto Ouro Preto, morro atrás de morro inviabilizando tudo por princípio, ou tão boa quanto Governador Valadares, tão plana que facilmente podemos encontrar no meio do trânsito um bando de apaches (as bicicletas) atacando uma diligência (nosso carro). A topografia de São Tiago pode ser aproximada a uma sela para cavalo com o topo do assento indo do Cerrado para o Cruzeiro e as abas caindo para Pavuna e Catimbau, ou Bomba e Várzea. Na parte longitudinal superior e nas partes mais suaves das abas as bicicletas podem ser úteis e eficientes, com um empurrãozinho aqui e outro ali.

Alguns peculiares conterrâneos nossos gostam de tomar umas biritas tanto quanto andar de bicicleta. Eles confessam que depois de algumas doses não é possível definir quem controla quem, ele ou ela! O bicho parece ter vontade própria e toma posse do guidão carregando o iludido ciclista para o destino que ela desejar. Algo muito parecido com um áudio que circula pela internet, no qual o humorista caipira Geraldinho conta suas agruras com a tal da bicicleta.

Tendo até apelido carinhoso, Magrela, a bicicleta é simpática e problemática. Como aquele sujeito sem juízo e sem vergonha que apronta bastante, mas gostamos dele. Não conseguimos ir além de uma reprimenda protocolar, mal conseguindo manter a cara séria para um sermão. Ela é companheira dos meninos nas brincadeiras e dos adultos nas necessidades utilitárias do dia a dia. É ecológica, sustentável de acordo com o código de qualidades elogiáveis de hoje em dia. É esportiva, saudável e acessível.

Em São Tiago existe um costume, aparentemente bem arraigado: muitos ciclistas desconhecem sistematicamente a existência de contramão no direcionamento de tráfego nas ruas, como se definitivamente não fizessem parte de um sistema de trânsito regido por leis e

regras. Em qualquer esquina, motoristas, motociclistas e pedestres podem ser surpreendidos por um ciclista vindo de direção inesperada, e proibida, de forma perigosa e até às vezes no limite, possivelmente mortal. É como se fizessem com naturalidade algo natural.

A Rua Viegas é um bom local para se montar um observatório



para apreciar o fenômeno. Da Igreja de São Sebastião até a Sede Social o que se tem é uma descida perfeita. A distância é divertida, a declividade nem tão alta para dar medo e nem tão baixa para ser enfadonha. O piso é asfaltado, o pneu roda macio, o que evita a possibilidade de buracos e irregularidades perigosas. Pena que a mão de trânsito é no sentido contrário, subindo para o Cruzeiro. De pouco importa. Os ciclistas pegam o embalo lá em cima e logo, em alta velocidade, o pé já não precisa pedalar e o corpo é jogado para frente melhorando a aerodinâmica da aventura. Pequenos movimentos laterais de slalom evitam eventuais obstáculos. É perigoso. Para todos.

O Hospital São Vicente de Paulo informa que é recorrente receber para atendimento pessoas acidentadas em algum evento envolvendo bicicleta, independentemente se foi com o mau uso da contramão ou não. No geral são esfoliações e cortes. De vez em quando traumas mais fortes e fraturas. No passado não tão longínquo se registra um caso de óbito quando uma jovem adolescente colidiu a bicicleta com um poste. Logo, não vale a pena apostar contra a estatística e o passar do tempo.

Além de utilitária, ser um belo brinquedo e transporte pessoal, a



bicicleta tem outras serventias inusitadas. Serve para peregrinar até Aparecida, para levar o E.T. até a imagem da grande lua, para percorrer o nosso Caminho de São Tiago e por aí etc. Para perigosamente desafiar a contramão, definitivamente, não!

Fabio Antônio Caputo